



1290001190



FE

TCC/UNICAMP G585r

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Elaine Messias Gomes

Reflexões sobre a música na Educação Infantil

Campinas
2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2003-01-20

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Elaine Messias Gomes

Reflexões sobre a música na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para a Graduação em Pedagogia, sob orientação do professor Ms. Jorge Luiz Schroeder e co-orientação da professora Dra. Eliana Ayoub.

Campinas
2003

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
ICC.....	unicamp
q.....	585r
V:.....E:	
TOMBC:.....	1190
PROC:.....	117/04
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	11,80
DATA:.....	17,02,04
Nº CPD:.....	110258

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

G585r Gomes, Elaine Messias.
Reflexões sobre a música na educação infantil / Elaine Messias
Gomes. – Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientadores : Jorge Luiz Schroeder e Eliana Ayoub.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Música – Instrução e estudo. 2. Educação musical. 3. Educação
infantil. I. Schroeder, Jorge Luiz. II. Ayoub, Eliana. III. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

03-0190-BFE

Comissão Julgadora:

Orientador: Prof^o. Ms. Jorge Luiz Schroeder

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Eliana Ayoub

2^o Leitora: Prof^a Ms. Silvia Cordeiro Nassif Schroeder

**“O HOMEM QUE NÃO TRAZ A MÚSICA DENTRO DE SI
PRESTA-SE A TRAIÇÃO, AO ASSASINATO E A PERFÍDIA”**

SHAKESPEARE

Dedico este trabalho às pessoas que se preocupam com a Educação Infantil, em especial às professoras polivalentes, que estão dia-a-dia em contato com crianças, buscando proporcionar-lhes uma educação de qualidade.

AGRADEÇO...

Ao Jorge Schroeder e à Eliana Ayoub que me orientaram na elaboração deste trabalho, com muita dedicação e competência;

À Silvia Cordeiro Nassif Shroeder, por ter aceitado ser a segunda leitora do meu trabalho;

Aos meus pais José e Odília e à minha irmã Daniela que sempre estiveram do meu lado me dando apoio;

A todo G-15, Cris, Elaine, Lígia, Márcia, Renata, Sabrina, Jane, Nice, Fabiana N., Fabiana C., Thati, Adriane, Camila e Patrícia, que estiveram comigo durante os quatro anos de faculdade, pela amizade, pelas reuniões, pelas baladas, pelos churrascos, fazendo com que a vida acadêmica se tornasse mais divertida e prazerosa;

A todos os meus amigos e amigas, em especial à Cris, Gabi, Déia, Carina, Paula e Janáina pela amizade, apoio e pela preocupação com o meu trabalho;

Aos meus familiares que sempre torceram por mim;

E a Deus que sempre esteve ao meu lado, iluminando-me e me fortalecendo a cada dia.

ÍNDICE

A presença da música em <u>minha vida</u>	08
Minha experiência profissional com a música.....	13
Uma aula de música, uma professora, uma experiência.....	15
Uma entrevista, um bate-papo, uma forma de trabalho.....	26
Outra aula de música, outro professor, outra experiência.....	32
Outra entrevista, outro bate-papo, outra forma de trabalho.....	45
Diálogos entre duas práticas, dois professores e várias experiências.....	49
A música em uma perspectiva histórica.....	60
Buscando um conceito de música.....	66
Reflexões sobre a música na Educação Infantil.....	73
Bibliografia.....	82

RESUMO

Este estudo busca refletir a respeito da música na Educação Infantil, a partir de reflexões sobre o trabalho desenvolvido por dois professores especialistas de música.

Os dois professores escolhidos trabalham em uma mesma escola particular de Educação Infantil do município de Campinas, os quais apresentam concepções e práticas de trabalho diferentes.

Este trabalho apresenta diferentes atividades que foram desenvolvidas com um grupo de crianças de seis anos de idade, que são possíveis de serem realizadas por professores polivalentes de Educação Infantil.

Além disso, este estudo busca uma perspectiva histórica da presença da música nas sociedades antigas levantando qual era a função e o papel da música em relação à Educação, fazendo um paralelo ao que presenciamos atualmente em nossa sociedade e nas escolas de Educação Infantil, objetivando esclarecer as contribuições que o trabalho com a música pode trazer para o desenvolvimento das crianças.

Podemos perceber que o trabalho com a música na Educação Infantil é de extrema importância para o desenvolvimento da criança e o mesmo pode ser realizado em qualquer que seja a realidade de Educação Infantil, seja municipal ou particular. Porém é preciso que as professoras tenham conhecimentos que possam embasar o desenvolvimento deste trabalho.

A PRESENÇA DA MÚSICA EM MINHA VIDA

Desde pequena, a música foi algo que sempre chamou a minha atenção, pois gostava muito de cantar músicas, principalmente aquelas que aprendia na escola, para as quais adorava inventar gestos e dramatizar.

Também aquelas músicas que tocavam na televisão em programas infantis, como o da Xuxa, da Angélica, da Eliana, do Bambalalão... etc me atraíam bastante.

A pressão da mídia era e ainda é muito grande sobre as crianças, tentando fazer com que todas elas gostem das mesmas coisas, das mesmas músicas, das mesmas brincadeiras, buscando uma grande massificação da cultura infantil.

Pelo que me lembro, na escola de Educação Infantil não tínhamos muito contato com o fazer, produzir, construir, sentir a música. O que tínhamos eram alguns momentos, muito raros, em que a professora ensinava algumas músicas infantis tradicionais, como por exemplo: “Meu lanchinho/, Caranguejo não é peixe/, Ciranda cirandinha/, Atirei o pau no gato”.

Durante todo o tempo em que estive na escola de Educação Infantil em que estudava na década de oitenta no município de Campinas, nunca tive a oportunidade de tocar algum tipo de instrumento, nem mesmo fazer uma apresentação, ou algo do gênero relacionado à música, portanto, a música não era um conhecimento presente no ambiente de Educação Infantil, o qual freqüentava.

Desta forma, o lugar onde podia desenvolver esta minha paixão pela música era em casa. Nunca vou me esquecer do pianinho de brinquedo que ganhei de aniversário quando fiz um ano e pude brincar com ele até aos seis anos de idade, pois tornara-se o meu

brinquedo preferido. Adorava ficar tocando, apertando teclas, cada vez, cada momento numa combinação diferente. O que mais me atraía era o som que ele produzia, mesmo sem saber tocar qualquer música.

Assim como a grande maioria das crianças, quando tinha oito anos, passei por “aquela” grande febre da Xuxa. Naquela época, gostar dela era tido como algo imprescindível na vida das crianças. Portanto, se você era uma criança, logo deveria gostar da Xuxa, saber cantar todas as suas músicas, comprar roupas, brinquedos e acessórios. Naquela época, cheguei a acreditar que música era apenas aquilo que a Xuxa cantava.

Naquela situação, eu, ou melhor, eu e meus pais, não éramos consumidores de discos, brinquedos acessórios e roupas da Xuxa. Meus pais me deram apenas dois discos da cantora, os quais tenho até hoje. Não posso dizer que guardo estes discos porque gosto muito da Xuxa, que sou uma grande fã, mas pelo fato de que quando quero me lembrar de algo de minha infância, sempre gosto de ouvir algumas de suas músicas, principalmente a música “Ilariê”, do terceiro disco, afinal estes dois discos que ainda tenho fazem parte da minha história de vida.

Acredito que nesta época me prenda muito às músicas da televisão, principalmente aquelas de programas infantis, pois era com isso que tinha mais contato, esta era a minha realidade.

Na minha família, não tínhamos o costume de ouvir músicas, eram raros os vinis que meu pai e minha mãe possuíam, isso porque eles nunca tiveram uma paixão pela música, acredito que nenhum dos dois nunca tivera a oportunidade, nem ao menos interesse em tocar algum instrumento musical.

Atualmente, as crianças, em sua grande maioria, também só têm contato com as músicas que estão sendo expostas na mídia, e por isso acredito que o papel da escola seria o

de possibilitar para as crianças um contato com estilos musicais diferentes, saindo deste conceito superficial de música.

Conforme o tempo foi passando e fui crescendo, comecei a ampliar meu universo musical, pois comecei a ter contato com outros tipos de músicas, através de amigos, dos meus primos, enfim das pessoas do meu convívio social em geral, mas nunca através da escola. Principalmente na adolescência, uma etapa da minha vida que ainda se apresenta como algo recente em minha memória, iniciou esse contato com diferentes estilos musicais.

Imaginem se esse contato com diferentes estilos musicais tivesse acontecido desde a Educação Infantil, com certeza atualmente teria um conhecimento e um envolvimento muito maior do que tenho hoje em relação à música.

Neste sentido, acredito que a escola de Educação Infantil tem a função de apresentar outros estilos de músicas, diferentes daqueles que as crianças já têm contato em seu meio social, através da mídia.

A mídia, em sua grande parte, tem uma grande colaboração em relação aos estilos musicais. É incrível a maneira como, a maioria dos programas de televisão, principalmente os de auditório, divulgam a imagem de certo cantor ou cantora, certa música, a fim de fazer com que todas as pessoas, de tanto ouvirem, acabem por assimilar mecanicamente uma música, que apresenta uma letra, uma composição que na maioria das vezes não traz um conteúdo adequado para as crianças.

Desta forma, grande parte da mídia está preocupada em promover a figura do cantor ou da cantora, sem levar em consideração, entre outros fatores, as pessoas que estão por detrás desta produção musical que eles apresentam na televisão.

A música é encarada em uma parte da mídia e conseqüentemente pela grande maioria das pessoas de nossa sociedade como um produto para ser consumido, exacerbando

a venda de CDs, promovendo a imagem dos artistas que se transformam em cantores perante a televisão, divulgando junto com a música coreografias limitadas, que são copiadas, imitadas por todos os que assistem a este tipo de programa, principalmente pelas crianças.

De acordo com o contato que fui mantendo com a música, pude selecionar aqueles estilos que mais gosto de ouvir, aprender a cantar, ou simplesmente sentir a música. Nunca me aventurei a tocar, porque sempre acreditei que nunca iria conseguir decifrar aqueles risquinhos (como chamava as partituras quando criança) e também porque, além desta minha paixão pela música, também tenho pela dança, pelo movimento, pelas práticas corporais. Então desde minha infância, comecei a freqüentar academias de dança, onde já fiz balé, jazz, dança de rua, ginástica rítmica e atualmente ainda dedico uma parte do meu tempo à dança, fazendo dança de salão.

Afinal, esta paixão pela dança, pelo corpo, pelas práticas corporais, é algo muito forte, não sei se mais do que pela música, mas que também carrego desde criança.

Penso que em relação à dança, às práticas corporais, tive mais oportunidades para desenvolver e trabalhar, tanto na escola, como na vida social, colocando em prática tal paixão. Meus pais também sempre me incentivaram a freqüentar aulas de balé, jazz e eles adoravam me assistir em apresentações tanto da escola como da academia de dança.

Já em relação à música isto não aconteceu, eu manifestava sim um interesse, assim como pelo dança, pelo corpo, mas acabei por não me dedicar ao estudo da música.

Isto aconteceu porque no lugar onde moro, em um bairro próximo ao centro do município de Campinas, era mais comum, quando era criança, os pais levarem suas filhas para fazerem aulas de dança, em especial balé e jazz, a levarem para estudar música.

Na década de 1980, quando era criança, não existia nenhum lugar próximo da minha casa que trabalhasse com a música, ao contrário da dança e das práticas corporais, pois existia uma academia na rua atrás da minha casa, o que facilitou meu acesso. Atualmente existem mais duas academias de dança, ao passo que em relação ao estudo da música, não existe nenhum lugar próximo da minha casa que desenvolva tal trabalho.

Portanto, penso que se tivesse tido a oportunidade de estudar algum instrumento, com certeza teria desenvolvido conhecimentos em relação à música que hoje não possuo.

MINHA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COM A MÚSICA

No ano 2000, quando ingressei no curso de pedagogia da Unicamp, comecei a buscar um emprego no qual pudesse exercer a função de professora, pois no ano anterior eu havia terminado o curso normal (antigo magistério) no CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) e com isso tinha habilitação específica para exercer tal cargo.

Depois de um mês aproximadamente procurando, fui chamada para trabalhar como professora de Educação Infantil com uma turma de alunos de infantil II (crianças de 4 e 5 anos) em um colégio particular em Campinas.

Embora tenha feito quatro anos de estágio, quando cursava o curso normal, com diferentes séries do Ensino Fundamental I e na Educação Infantil, ambos em escolas públicas do município de Campinas, não me sentia plenamente segura do que poderia trabalhar com aquelas crianças.

No meu primeiro dia de trabalho, fiquei muito surpresa quando soube que lá existia uma aula específica de música com uma professora especialista, pois afinal já havia passado por várias escolas municipais de Educação Infantil de Campinas e nunca havia encontrado professoras especialistas em música para trabalhar com as crianças.

Era algo inédito também pelo fato de que, quando criança, havia estudado em uma escola particular de Educação Infantil, não a mesma que trabalho atualmente, mas pelo fato de ser particular não garantia a presença da aula de música, pois segundo minhas informações, não são todas as escolas particulares do município de Campinas de Educação Infantil que têm aulas de músicas com professoras especialistas.

Desde o primeiro momento já comecei a me interessar pela aula de música, pois era algo que despertava muito o interesse das crianças e ao mesmo tempo comecei a refletir sobre a presença desta aula para crianças, procurando desvendar qual seria o objetivo de se introduzir tal aula e principalmente quais seriam as contribuições que a mesma, ou melhor, que a música poderia trazer para o desenvolvimento das crianças de Educação Infantil, com idade de zero a seis anos.

Durante estes quatro anos em que estou trabalhando neste colégio, já passaram por lá quatro professores diferentes de música, com práticas e concepções distintas.

No decorrer deste ano, aconteceu uma troca de professores. No primeiro semestre, nós tínhamos uma professora que estava na escola desde o mês de agosto de 2002. No segundo semestre, entrou um novo professor de música, que as crianças de Educação Infantil não conheciam, embora ele já trabalhe com as crianças do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) do mesmo colégio, mas em prédios diferentes.

Portanto, será a partir das aulas destes dois professores de música, as quais acompanho como expectadora, que irei discutir e refletir sobre o trabalho com a música na Educação Infantil.

UMA AULA DE MÚSICA, UMA PROFESSORA, UMA EXPERIÊNCIA

Neste capítulo, irei refletir sobre o trabalho de uma professora formada em Licenciatura Plena em Educação Artística e habilitação em Artes Plásticas pela PUC - Campinas a qual tem três anos de experiência como professora de música.

O espaço onde acontece a aula é bem amplo e se localiza no fundo da escola. Observada de longe temos a impressão de ser um espaço bem agradável, pois não existem paredes, é uma tenda feita com lona, o que possibilita um espaço bem arejado.

Nesta sala também acontecem as aulas de artes, em dias e horários diferenciados. Ao lado direito da “tenda”, conforme costumamos chamar, tem uma horta e do lado esquerdo tem os banheiros das crianças, onde as mesmas fazem a escovação após o lanche.

Às vezes, percebo que quando outras professoras sobem com suas crianças para a horta ou para fazer a escovação, estas acabam atrapalhando a aula de música, pois pelo fato de não ter parede para abafar o som, todo o som de dentro acaba por sair e o de fora por entrar, atrapalhando a concentração das crianças durante o desenvolvimento da aula.

O ambiente da “tenda” é dividido em dois: do lado direito existem três mesas grandes com cadeiras para as crianças fazerem aula de artes e do lado esquerdo existe um piano, um armário com todos os instrumentos e um tapete grande onde as crianças se sentam na aula de música.

Eu sempre procuro acompanhar essas aulas junto com as crianças e durante este tempo comecei a observar coisas com as quais muitas vezes concordo e outras que não concordo.

Um fato que não concordo e que me chamou a atenção foi em relação a postura desta professora que muitas vezes não agrada as crianças, pelo fato de que ela não deixa as crianças se aproximarem dos instrumentos que toca durante a aula: o violão e o piano, de propriedade da escola.

Logo no primeiro dia de aula, a professora estava com o piano aberto, pois ia tocar uma música para as crianças e fazer a apresentação do instrumento. As crianças estavam eufóricas, muito curiosas e com uma vontade enorme de tocar no piano, afinal, muitas delas nunca tiveram a oportunidade de ver tal instrumento, de poder tocar.

A professora tentava falar, conversar com as crianças sobre a tal proibição e parece que ela não entendia que o que elas queriam naquele momento era tocar, conhecer aquele instrumento musical que se apresentava diante delas, que nada daquilo que ela falava era interessante para elas, afinal as crianças precisam ter um certo contato corporal com o instrumento a fim de experimentá-lo e conhecê-lo. Prova disto, foi quando uma criança se levantou e perguntou:

– Este piano é seu?

E a professora respondeu:

– Não, é da escola, mas só eu que vou poder tocar, pois vocês ainda não sabem tocar piano.

De repente uma criança se levantou meio rápido, ainda naquela agitação e bateu seus dedinhos no piano com grande empolgação, pois assim como todas as crianças, ela queria descobrir qual era o som que aquele instrumento produzia.

A professora ficou muito brava, dizendo que elas não poderiam mexer em algo que não pertence a elas e que ainda não sabem usar.

Para reafirmar sua posição, ela disse que estuda piano desde os seis anos de idade, portanto já faz mais de quinze anos que ela toca, por isso ela poderia tocar e as crianças ainda teriam de aprender.

Desta forma, discordando da postura da professora, levanto o seguinte questionamento: será que só poderemos tocar o instrumento depois que aprendemos como se toca? Como uma criança poderá aprender a tocar um instrumento se ela não puder tocar, experimentar, interagir como o mesmo?

As crianças ficaram extremamente decepcionadas, frustradas com a proposta da professora, pois a curiosidade delas era tão grande e de um momento para o outro foi desprezada.

Acredito que esta proposta da professora não está condizente com os modos como a criança aprende, como se desenvolve, tendo com referência a teoria de Vygotsky, que acredita que para a criança aprender ela precisa experimentar, interagir com outro ser social, com o objeto a ser conhecido.

Ele prioriza o aprendizado através da interação entre sujeitos e o objeto para que se promova o desenvolvimento. Portanto, será a partir da aprendizagem que a criança irá se desenvolver, lembrando que *“aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”*. (VYGOTSKY, 2000, p.110).

De acordo com a teoria de Lev Semenovitch Vygotsky, psicólogo russo, reconhecido como o pioneiro da psicologia do desenvolvimento, é praticamente impossível falarmos em aprendizado sem falar em desenvolvimento. Para ele o processo de aprendizagem envolve a interação, o movimento do corpo a fim de desenvolver a percepção da criança, para que esta possa aprender algo.

“O aprendizado é mais que a aquisição da capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade de focalizar a atenção; ao invés disso, no entanto se desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas”.(VYGOTSKY, 2000, p.108)

Um fato curioso é que a escola onde trabalho tem uma proposta de ensino sócio-construtivista e interacionista, cujo teórico que norteia o trabalho é Vygotsky. Portanto, algo que a filosofia da escola prioriza é a vivência, a interação entre as crianças, a experimentação do objeto a ser conhecido, a fim de que a criança possa aprender e se desenvolver. Então, por que será que isto não está acontecendo nas aulas de música?

Existiram outros momentos nas aulas de música, com a minha turma de alunos de Infantil III, composta por crianças com idade entre cinco e seis anos, nos quais presenciei atividades que considero interessantes descrever.

Atividades realizadas pela professora especialista nas aulas de música

Sons da natureza:

A atividade começou com a seguinte pergunta feita pela professora: Quais são os sons que vocês conhecem? Imediatamente as crianças foram dizendo nomes de coisas de produziam determinados sons:

- Carro
- Buzina
- Cachorro
- Passarinho

- Gato
- Rádio
- Telefone
- Televisão
- Caminhão
- Voz

Depois de ouvir e explorar todas as respostas das crianças a professora perguntou:

- Quais os sons que nós podemos ouvir daqui do lugar onde estamos?

Logo em seguida, quando as crianças já começaram a responder, ela interrompeu, pedindo para as crianças ficarem em silêncio para ouvirem os sons que estavam ali presentes.

Depois de realizado uns três minutos de silêncio, as crianças já foram logo respondendo:

- Ônibus
- Buzina
- Carro
- Passarinho
- Ronco da minha barriga
- Meu coração produz som...tumtumtum...
- Grito das crianças
- Voz da professora

Todas as crianças se empolgaram bastante durante esta atividade, elas quiseram e puderam falar aquilo que estavam ouvindo.

Posteriormente, a professora apresentou um painel com várias janelinhas. Dentro de cada janelinha existia um elemento, um objeto, um animal que produz determinado som. Então, ela combinou com as crianças que quando ela abrisse a janelinha eles teriam de fazer o som que aquele determinado objeto produz.

As crianças ficaram super atentas aos desenhos que estavam escondidos atrás das janelinhas. Cada janelinha aberta era um som produzido de forma diferente. No painel existiam os seguintes desenhos: relógio, telefone, carro, gato, cachorro, homem, passarinho, vaca.

Durante esta atividade, as crianças puderam explorar alguns sons que nos rodeiam, centrando toda a atenção e concentração nos sons que podiam ouvir, que estavam presentes naquele momento, naquele lugar.

Sons com o próprio corpo:

Nesta atividade, a professora começou a falar sobre os sons que as crianças poderiam produzir com o corpo, sem necessariamente utilizar a voz.

Desta forma, ela foi falando os sons e pedindo para que as crianças os reproduzissem como ela estava fazendo. Então ela batia palma, as crianças também batiam. Ela batia o pé no chão as crianças também batiam. Ela fazia barulho com a boca, e as crianças também faziam e assim sucessivamente, sem dar chance para as crianças pensarem em sons diferentes daqueles que ela estava fazendo.

Neste momento, penso que seria interessante se a professora possibilitasse um espaço para as crianças criarem os sons com o próprio corpo e não simplesmente imitar os

sons que a professora produzia durante a aula, afinal a aula deve ser um espaço de criação, não só do professor, mas sim de ambos, professor e alunos.

Para aprender a criança deve ser estimulada a pensar, a criar, a interagir com o outro e não simplesmente a imitar, reproduzir, copiar. “... *o aprendizado escolar produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança*” (VYGOTSKY, 2000, p.110)

Instrumentos musicais:

A professora começou a aula fazendo a apresentação de um livro que trazia várias fotos de instrumentos musicais, como saxofone, bateria, flauta, violino etc.

Então ela começou a apresentar cada instrumento musical, dizendo o nome de cada um deles e fazendo algum comentário a respeito.

Durante a apresentação percebi que muitas crianças estavam dispersas, sem concentração durante a atividade.

Terminada a apresentação do livro, a professora pegou os instrumentos que existiam na sala, que normalmente são utilizados pelas crianças, mas que estão sendo deixados de lado pela professora, e começou a falar o nome de cada um e explicando como eles poderiam tocar o instrumento, mas ela não deu os instrumentos para as crianças tocarem, apenas a professora tocou.

Depois que a professora apresentou todos os instrumentos ela tocou uma música no piano para as crianças cantarem junto com ela. A música era “Atirei o pau no gato”.

Durante esta atividade, como já descrevi, as crianças ficaram dispersas, principalmente no momento em que a professora estava fazendo a apresentação do livro dos instrumentos musicais, pois as crianças se interessam por coisas que elas podem pegar,

tocar, mexer, interagir e naquele momento elas só poderiam ver, sem ao menos poder tocar no livro.

Um fato que achei muito curioso foi que a maioria dos instrumentos que estavam sendo apresentados naquele livro, nós temos na escola, no armário de instrumentos que fica na mesma sala, entretanto ela não possibilitou que as crianças os manipulassem.

Neste caso, se os instrumentos são destinados para o uso exclusivo das crianças, por quê não deixá-las usar, tocar, manipular?

Acredito que neste caso a professora ainda não se sente segura para dar nas mãos das crianças instrumentos musicais variados, pois ela ainda não consegue estabelecer um diálogo com as crianças. Na aula posterior à apresentação dos instrumentos, ela entregou os instrumentos musicais para as crianças, que com uma empolgação total começaram a tocar os instrumentos sem parar, todas juntas, provocando uma agitação muito grande.

A reação das crianças já deveria ser esperada, pois muitas delas nunca haviam tido a oportunidade de tocar instrumentos e quando é dada a primeira oportunidade elas vão querer experimentar, tocar, bater no chão para descobrir os sons que aquele instrumento produz, e com o tempo, as crianças, de acordo com as orientações da professora, irão se acostumando, se adaptando a usar e tocar os instrumentos, mas esta concepção não foi usada pela professora, pois acredito que ela ficou extremamente traumatizada e uma fala que ficou muito marcante no dia, foi quando, no momento em que ela estava recolhendo os instrumentos ela falou:

- Eu não vou dar mais os instrumentos para vocês porque ainda não sabem usá-los.

Desta forma, voltarei a levantar o seguinte questionamento: como elas irão aprender a usar, a tocar os instrumentos se não são dadas oportunidades para que elas aprendam a manipulá-los e tocá-los?

Grave e Agudo:

A atividade começou com a seguinte pergunta feita pela professora:

- Vocês sabem o que é um som grave e um som agudo?

Algumas crianças já tinham ouvido falar em tais palavras, mas não conseguiram explicar com clareza qual era o significado das mesmas.

Então a professora começou a explicar, dizendo que o som grave era aquele som mais grosso e o agudo era aquele som mais fino. Para exemplificar ela utilizou as teclas do piano, tocando as graves e as agudas para que as crianças identificassem.

Nesta mesma atividade ela mostrou para as crianças que o som do piano de um lado começava grave e terminava no agudo ou vice-versa. Durante esta atividade apenas a professora tocou no piano, as crianças nem se aproximaram do instrumento, ficaram apenas olhando sentadas no tapete.

Acredito que neste momento a professora poderia ter possibilitado um momento no qual as crianças pudessem tocar piano, para poder interagir com o instrumento, vivenciando e localizando no teclado do piano as notas graves e agudas e não simplesmente ouvindo as notas.

As notas musicais:

A professora iniciou a atividade fazendo a apresentação das notas musicais no piano: “Dó, ré, mi, fã, sol, lá e si”.

Em seguida ela fez a contagem das notas musicais com as crianças e a cada nota, ela propôs um movimento diferente com o corpo que partiu dela mesma, para as crianças reproduzirem conforme ela tocava as notas.

Posteriormente ela trabalhou a associação das notas musicais através da música: “Do ré do ré, ré ré. Do sol fá mi, mi mi. Do ré mi fá fá fá.”

As crianças gostaram muito desta atividade, pois todas elas participaram ativamente. Um momento, que me chamou a atenção foi quando uma criança propôs outro movimento com o corpo para representar uma nota musical e a professora não aceitou, dizendo que já havia pensado em outro gesto e era para ser feito daquele jeito que ela estava fazendo.

Desta forma é possível perceber que a professora, não abre espaço para as crianças interagirem, darem sugestões, criarem algo diferente daquilo que está sendo proposto, assim podemos imaginar que ela se considera como a pessoa detentora de todo o saber, e as crianças devem sempre acatar as decisões dela.

Ensaio – Datas Comemorativas:

Durante aproximadamente o mês de abril e a primeira quinzena do mês de maio as crianças passavam todo o tempo da aula de música ensaiando uma música para apresentar para as mães na festa do dia das mães na escola.

O ensaio ocupava todo o tempo da aula de música, que atualmente é de quarenta minutos. Desta forma, as crianças se estressavam de cantar várias vezes a mesma música, pois era apenas isso que faziam durante a aula inteira.

As crianças se irritavam e não cantavam mais por prazer e sim por obrigação, por isso depois da quinta ou sexta vez, elas já se desconcentravam, queriam conversar, fazer outra coisa, pois não agüentavam mais ter de cantar ou mesmo ouvir aquela música.

Acredito que a professora tem todo o direito de poder ensaiar uma determinada música com as crianças para ser apresentada em uma determinada data comemorativa, mas

é preciso que ela continue com as aulas de música, ou mesmo que ela divida o tempo da aula entre o ensaio e a aula, pois quarenta minutos é um tempo muito longo para crianças de seis anos de idade ficarem cantando, ensaiando uma música. Elas não conseguem se concentrar durante tanto tempo em apenas uma única atividade, elas se cansam, ficam irritadas e acabam perdendo todo entusiasmo e motivação para a realização da apresentação.

UMA ENTREVISTA, UM BATE-PAPO, UMA FORMA DE TRABALHO

De acordo com a entrevista realizada com a professora de música, pude obter algumas informações importantes que dizem respeito às concepções e ao modo como ela trabalha a música com as crianças.

Esta professora concebe a música como uma linguagem universal, um meio de expressão, de comunicação, que está sempre presente em nosso meio. Ela acredita que através da música, nós podemos expressar sentimentos de alegria e de tristeza.

Desta forma, compreende a Educação Musical como a educação através da sensibilidade, uma educação para sabermos ouvir, distinguir, perceber e sentir.

Ela acredita que a música é muito importante na Educação Infantil, porque acalma as crianças; excelente para a percepção auditiva, trabalhando com a criatividade e a espontaneidade da criança.

Nesta entrevista, pudemos perceber que a professora concebe a música como um meio para se trabalhar questões intrínsecas ao desenvolvimento da criança, tais como: a criatividade e espontaneidade.

De acordo com o registro do planejamento da professora é possível percebermos que ela faz uma distinção entre os objetivos a serem trabalhados com as crianças de acordo com a faixa etária.

Através da análise destes objetivos traçados pela professora, podemos perceber que existe uma preocupação com o trabalho do som, principalmente seu reconhecimento, mas

na prática, esta preocupação não se apresenta como algo marcante, desenvolvendo apenas algumas atividades esporadicamente que abordam tal assunto.

Para as crianças do maternal e infantil (2 e 3 anos) os objetivos são:

- descobrir os sons e o nosso universo sonoro;
- desenvolver o ritmo e a coordenação motora;
- sentir e ouvir a música;
- explorar os instrumentos da bandinha rítmica.

Para as crianças do infantil I (4 anos), os objetivos são:

- discriminar as propriedades do som (baixo, alto, longo, curto, etc);
- desenvolver o ritmo e a coordenação motora;
- cantar músicas com gestos;
- reconhecer o som e o silêncio;
- desenvolver a percepção auditiva;

Para as crianças do infantil II (5 anos) os objetivos são:

- reconhecer os sons graves e agudos;
- desenvolver o ritmo e a coordenação motora;
- descobrir os sons do corpo, da natureza, dos animais;
- fazer com que as crianças cantem mais e ouçam mais música;

Para as crianças do infantil III (6 anos) os objetivos são:

- desenvolver a coordenação motora e o ritmo;
- fazer as crianças sentirem e ouvirem a música;
- reconhecer os sons graves e agudos;
- perceber os ritmos (rápido e devagar);
- relaxar ao som da música;

- conhecer as notas musicais;
- conhecer os nomes e os sons dos instrumentos musicais;

A partir destes objetivos levantados pela professora também podemos perceber a presença marcante da coordenação motora, como algo a ser desenvolvido em todas as faixas etárias, merecendo destaque entre outros objetivos.

Ao nosso ver, o termo coordenação motora reduz a criança a um ser que apenas irá coordenar movimentos, e na realidade estes movimentos que a criança produz apresentam uma dimensão mais ampla e por isto devemos pensá-los inseridos na cultura e na história de cada criança, pois cada gesto humano traz consigo as marcas históricas e culturais de quem o realiza.

Portanto, é preciso pensar a criança como um ser humano histórico-cultural, e não simplesmente acreditar na reprodução mecânica de movimentos para desenvolver a sua coordenação motora.

A professora acredita que os momentos nos quais a música poderia estar presente na Educação Infantil seriam: no momento de contar alguma história, antes do lanche ou até mesmo para elogiar um aluno, por exemplo: quando um aluno faz algo certo, que se destaque perante os outros alunos da classe, as crianças, a pedido da professora, cantam uma música para elogiar e enaltecer a criança, reforçando o comportamento da mesma perante as outras crianças da sala. Mas será apenas nestes momentos que a música poderia estar presente na Educação Infantil?

Neste caso, penso que existem muitos outros momentos nos quais a música poderia estar presente, como por exemplo, no momento da roda, onde as crianças compartilham, socializam idéias, conhecimentos, novidades e por que não socializar as músicas que conhecem?

Além do momento da roda, existem outros em que a música poderia estar presente, os quais iremos destacar posteriormente.

Segundo a professora, as crianças gostam das aulas de música porque é um momento para relaxar, explorar, escutar e conhecer os sons e o que elas mais gostam na aula é de tocar algum instrumento diferente. Já o que elas não gostam são os ensaios, porque são muito cansativos.

Podemos perceber que a professora tem consciência de que as crianças gostam de tocar, manipular os instrumentos e que os ensaios de quarenta minutos seguidos, ocupando todo o tempo da aula, são cansativos, mas mesmo assim, não percebi mudanças na prática durante as aulas desta professora, pois ao longo do primeiro semestre, ela apenas trabalhou uma vez com instrumentos musicais com as crianças e quando se aproximava de uma data comemorativa, os ensaios eram freqüentes e ocupava todo o tempo de sua aula.

Em relação às contribuições da música para o desenvolvimento das crianças, ela acredita que a música facilita a coordenação motora, melhora o ritmo, a criança fica mais desinibida, aprende a ouvir, a respeitar e a se acalmar.

Novamente ela utiliza o termo coordenação motora como algo a ser conseguido através do trabalho com a música e conseqüentemente ela acaba reduzindo, não somente as particularidades do movimento que cada criança produz em uma aula de música, como também reduz as contribuições da música para o desenvolvimento da criança, assunto este que será discutido posteriormente neste trabalho.

Outro fato que a professora insistiu em evidenciar na entrevista foi em relação a “calma” que o trabalho com a música pode possibilitar, contribuindo para o desenvolvimento da criança.

Neste caso, na concepção dela, enquanto uma criança está ouvindo uma música que lhe interessa, ela se acalma, se concentrando apenas em ouvir, não incomodando os outros alunos, não fazendo bagunça, não irritando o professor.

Ela acredita que um professor sem a formação superior não é capaz de trabalhar a música com crianças de Educação Infantil, pois este não possui o conhecimento, portanto ele tem outro sentir, outro escutar, outra sensibilidade.

O argumento que a professora utiliza sobre a ausência do conhecimento do professor polivalente, não especialista em música, não pode ser generalizado, pois um professor, no caso o professor polivalente de Educação Infantil, pode ter um conhecimento bem grande sobre um determinado instrumento, ou até mesmo sobre os estilos musicais em geral, sem necessitar fazer cursos superiores específicos para isso.

O conhecimento sobre a música não se encontra apenas em cursos superiores específicos de música, ele está presente em toda a nossa sociedade, como por exemplo, em situações de interação entre pessoas que tenham um determinado conhecimento sobre música, interagindo com outros que não apresentam determinado conhecimento. A convivência, a interação pode estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem muito significativa para as pessoas envolvidas.

Portanto, acreditamos que existem professores que não têm formação superior em música, mas possui um determinado conhecimento que lhe permite desenvolver um bom trabalho com as crianças de Educação Infantil, sem desprezar a importância da presença do professor especialista de música na Educação Infantil.

Como vimos, esta questão sobre a presença ou ausência do professor especialista de música com formação superior junto ao corpo docente da escola de Educação Infantil, é uma questão muito polêmica, a qual será discutida posteriormente, mas desde já é preciso

ter em mente a busca de um trabalho coletivo dos professores, integrando o professor especialista de música com os demais professores da escola, inclusive os outros professores especialistas, como por exemplo, de Educação Física e de Inglês, com o objetivo de trabalharmos o conhecimento como um todo, sem fragmentá-lo.

OUTRA AULA DE MÚSICA, OUTRO PROFESSOR, OUTRA EXPERIÊNCIA

O professor especialista de música, cujo trabalho será focalizado neste capítulo, tem formação superior em Letras e Música e tem dez anos de experiência como professor de música. Ele está substituindo a primeira professora, cuja prática e entrevista relatei e analisei nos capítulos anteriores. Portanto, desde o mês de agosto deste ano, este professor está trabalhando junto ao corpo docente desta escola particular de Educação Infantil do município de Campinas.

A aula deste professor acontece no mesmo espaço onde aconteciam as aulas da outra professora de música.

Pelo fato de trabalhar na mesma escola, continuei acompanhando as aulas de música junto com as crianças e assim pude observar várias questões interessantes, relativas ao trabalho deste professor.

Algo que me chamou muito a atenção foi em relação à postura do professor perante as crianças, pelo fato de que no primeiro dia de aula ele levou um instrumento chamado metalofone, bem grande, que até então as crianças não conheciam, pois este instrumento não era de propriedade da escola.

Foi muito interessante, porque quando as crianças viram aquele instrumento elas ficaram muito curiosas e uma delas perguntou:

- Nós vamos poder tocar este instrumento?

- Lógico que sim, afinal, foi para isso mesmo que eu o trouxe – disse o professor.

- Que legal! Mas nós não sabemos tocar – disse uma criança desconfiada da possibilidade de não poder tocar pelo fato de não saber, acostumada com a postura da antiga professora.

- Não tem problema. Se vocês não sabem, eu estou aqui para ensinar – disse o professor.

- Então quer dizer que a gente vai poder tocar de verdade. Eu posso ser a primeira?
– disse uma criança

- Espera só um pouquinho porque primeiro nós temos que conversar sobre algumas coisas e depois com certeza todo mundo vai ter a oportunidade de tocar o instrumento – disse o professor.

As crianças ficaram muito felizes com tal notícia, pois afinal, elas não estavam acostumadas a tocar nenhum tipo de instrumento nas aulas de música.

Neste primeiro dia de aula, já pude perceber que este professor apresentava uma concepção de que a criança precisar tocar, manipular o instrumento para aprender a tocar, fato este muito importante e imprescindível, para o trabalho com música. Afinal, a criança precisa interagir, experimentar o objeto a ser conhecido, neste caso, os instrumentos musicais, como discutimos anteriormente.

Nas aulas seguintes pude observar diversas atividades, situações de ensino-aprendizagem que foram realizadas com a mesma turma de alunos de Infantil III, as quais serão descritas a seguir.

As atividades realizadas pelo professor especialista nas aulas de música:

Observação do instrumento musical:

Nesta atividade, o professor levou o metalofone e, antes de qualquer coisa, fez perguntas que instigassem as crianças a refletirem e observarem as características do instrumento em questão.

A primeira característica levantada pelas crianças foi em relação ao tipo de material que é feito o instrumento.

- Este instrumento é feito de madeira e metal – disse uma criança.

- E como será que nós poderemos chamar este instrumento? – perguntou o professor.

- Nós poderemos chamar de instrumento de metal – disse uma criança.

- Olha só ela quase acertou. Na realidade nós até poderíamos chamá-lo de instrumento de metal, mas existem outros instrumentos que são feitos de metal e este instrumento tem um nome específico que é conhecido por todas as pessoas que usam este instrumento. Alguém tem mais alguma idéia de como é o nome deste instrumento? – perguntou o professor.

- Acho que é melhor você falar – disse uma criança.

- Tudo bem. Este instrumento se chama metalofone, porque é feito de metal – disse o professor.

Nesta atividade, as crianças puderam desmontar e montar o metalofone descobrindo que na realidade são as “plaquinhas de metal” que produzem o som do instrumento. Outra característica interessante do instrumento que as crianças puderam descobrir foi que as “plaquinhas de metal” não estão em contato direto com a madeira, existe um elástico entre

elas e assim puderam perceber através da experiência, manipulando o instrumento, que se nós batermos na “plaquinha de metal” segurando forte com a mão, nós conseguimos produzir um som diferente daquele que produzimos quando a “plaquinha de metal” está acomodada no instrumento.

Durante esta atividade as crianças puderam explorar, através da manipulação, diversas características do instrumento. Com certeza é bem mais significativo para a criança quando ela descobre, aprende algo através da vivência, da experiência, do que em momentos de simples explicação, exigindo das crianças uma certa abstração, a qual em alguns casos elas não possuem.

Manipulação livre:

Nesta atividade, as crianças puderam manipular o instrumento apresentado na aula anterior, o metalofone, livremente, sem se preocupar se estavam fazendo certo ou errado. A única preocupação que elas tinham eram explorar o material.

No primeiro momento pude perceber que as crianças estavam muito ansiosas, batiam no instrumento com força, umas até tiravam as “plaquinhas de metal” do lugar, devido à força que estavam fazendo para tocar.

Aos poucos elas foram descobrindo, através da manipulação do instrumento, que não precisavam colocar tanta força, para o instrumento emitir algum som. Algumas das crianças, no final da atividade, já estavam começando a tocar sozinhas uma seqüência de notas, sem nenhuma indicação ou ajuda do professor.

Nesta atividade, percebi as crianças muito livres para fazer o que quiserem sob a mediação do professor. Ele interagiu de forma bastante interessante e significativa, pois ao

mesmo tempo em que as crianças se sentiam livres para manipular tal instrumento, ele as alertava para algumas questões pertinentes em relação ao que elas estavam fazendo.

Desta forma, ele cumpriu com a função de mediador, questionando as crianças em busca da aprendizagem e do desenvolvimento das mesmas.

“(…) a tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única maneira de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias” (VYGOTSKY, 1988, p.108)

Através deste contato com o instrumento elas começavam a construir seus conhecimentos, a descobrir formas de se tocar tal instrumento, com a ajuda e a orientação do professor, que estava disponível o tempo todo.

Música do nome:

O professor iniciou a atividade propondo que cada criança iria criar uma música para seu nome, acompanhando-a com o metalofone.

Primeiro ele deu um exemplo com o nome de uma criança da turma. Exemplo: BRUNO. Ele tocava uma nota para cada sílaba em uma seqüência de umas quatro ou cinco vezes.

Depois de demonstrado o exemplo cada criança pôde criar uma música com o seu nome.

Foi muito interessante quando chegou a vez do aluno FABRÍCIO. Ele ficou em dúvida se dividia em: FA-BRI-CIO ou FA-BRI-CI-O. Neste momento, o professor de música interveio, dizendo que quando nós estamos compondo uma música, nós podemos

dividir as sílabas como nós quisermos e colocar um som mais forte naquela que desejamos. Ao contrário do que acontece na Língua Portuguesa, que dita uma regra para a separação das sílabas.

Comparação de instrumentos:

Nesta atividade, o professor levou um instrumento muito parecido com o metalofone, o xilofone, e propôs para as crianças observarem o que aquele instrumento tinha de semelhante e de diferente em relação ao metalofone.

A primeira característica que as crianças observaram foi em relação ao material que este instrumento é feito: a madeira.

Uma observação muito interessante que o professor fez foi que por ser feito de um outro tipo de material, ele recebia um nome diferente. E desta forma ele perguntou para as crianças se alguma delas saberia dizer qual era o nome daquele instrumento.

Pela lógica do pensamento infantil, uma criança respondeu:

- Madeira fone.

E o professor disse:

- Muito bem! Está correto seu pensamento. Só que na verdade nós falamos o nome da madeira em uma outra língua, na qual é denominada por *xilos*, logo o conhecemos como xilofone.

Depois de saciada a curiosidade sobre o nome do instrumento, o professor questionou sobre o som que eles produziam, se eram iguais. Desta forma, através da manipulação e do contato com os dois instrumentos as crianças puderam descobrir que eles produziam sons diferentes, pelo fato de serem feitos de materiais distintos.

Som e movimento:

Nesta atividade o professor mostrou uma música para as crianças, a qual apresentava diferentes ritmos e sons de instrumentos diferentes. Ele propôs que, de acordo com o ritmo e o som dos instrumentos, elas produzissem um movimento diferente com o corpo.

Na primeira vez, cada criança pôde fazer o movimento que desejasse. Depois as crianças junto com o professor combinaram um movimento diferente para cada instrumento, considerando a sugestão e a opinião de todas as crianças.

Esta atividade foi muito significativa para as crianças, pois todas elas participaram de forma ativa, de corpo inteiro, conseguindo conciliar o ritmo da música com o ritmo do corpo, atentando-se para os momentos em que os sons dos instrumentos variavam, para mudar o movimento do corpo.

As crianças tiveram a oportunidade de unir o ritmo interno do corpo ao ritmo externo da música de forma criativa.

História sonorizada:

Nesta atividade, o professor anunciou que iria contar uma história. As crianças já ficaram muito entusiasmadas pelo fato de que elas, como a maioria das crianças, gostam de ouvir histórias.

Para esta atividade, o professor trouxe vários outros materiais como: jornal picado, sacolas de plástico etc.

Logo no início, antes mesmo de iniciar a história, ele fez a apresentação dos personagens da história e conforme ia apresentando-os, fazia um som com determinado instrumento para caracterizar o personagem.

Neste mesmo momento, ele apresentou materiais alternativos como jornal picado, sacolas plásticas, entre outros, como fontes sonoras, enfatizando que não apenas os instrumentos musicais podem produzir sons.

Foi impressionante a concentração e a atenção das crianças naquele momento, pois elas nunca tinham ouvido uma história sonorizada com instrumentos musicais. Para elas esta atividade foi uma grande novidade.

No decorrer da história, o professor proporcionava momentos para que as crianças participassem dando sugestões, elaborando hipóteses do que poderia acontecer nesta história e, de acordo com o som, já podiam imaginar a presença do personagem.

Som fraco, médio e forte:

Nesta atividade o professor distribuiu para as crianças os chocalhos. A princípio, ele deu um tempo para que as crianças pudessem manipular, tocar o instrumento da forma que desejassem.

No primeiro momento, as crianças, muito ansiosas, fizeram um grande barulho. Algumas crianças até reclamaram de dor de cabeça por causa do barulho. Depois, quando as crianças já estavam menos ansiosas, elas conseguiam intercalar entre elas os sons dos chocalhos, deixando uma pausa entre uma batida e outra.

Posteriormente, ele retomou um trecho da história, que já havia contado para as crianças, em que o passarinho tentava apagar o fogo da floresta. Como ele era muito pequeno, quando ele jogava água naquele fogo enorme, ele conseguia produzir um som bem fraquinho. Já o cachorro, quando ia tentar apagar o fogo, já conseguia produzir um som um pouco mais forte que o som do passarinho. Por fim, o elefante, quando ia tentar apagar o fogo, produzia um som mais forte do que todos eles.

Desta forma, cada criança pôde representar o som que cada animal produzia ao tentar apagar o fogo da floresta, e assim, com a ajuda do professor, puderam classificar os sons de acordo com a sua intensidade em: fraco, médio e forte.

Mestre da orquestra:

Nesta atividade, o professor propôs que as crianças criassem um gesto para um som fraco, outro para o som médio, outro para o som forte e outro para o silêncio, momento este que ninguém poderia tocar o instrumento. Todas as crianças ajudaram na decisão dos gestos.

Depois de combinarem os gestos, o professor disse que eles seriam os mestres da orquestra, cada criança de uma vez.

Com o objetivo de fazer a demonstração da atividade, o professor colocou as crianças em pé e de frente para ele e explicou que naquela situação ele seria o mestre da orquestra e elas seriam os musicistas, e posteriormente os papéis seriam invertidos.

Foi muito interessante esta atividade, pois as crianças conseguiram compreender o movimento que deveriam fazer com o instrumento para controlar a intensidade do som e ao mesmo tempo estarem atentas para aquilo que o mestre da orquestra estava pedindo para ser feito.

Brincadeira e ritmo:

O professor iniciou a atividade perguntando quais eram as crianças que gostariam de brincar da brincadeira do elefante. Como já era de se esperar, todas as crianças levantaram as mãos, pois afinal elas gostam muito de brincar.

A brincadeira funcionava da seguinte forma: uma criança era escolhida para ser o elefante que iria ficar no centro da roda, batendo um tambor de acordo com o ritmo da

música da brincadeira. A música dizia o seguinte: *“Um elefante foi passar numa teia de aranha, mas a teia não caiu, então foram chamar um outro elefante”*.

A princípio ficava só um elefante no meio da roda, como diz a música, depois a criança que estava na roda convidava outro elefante e lhe cedia o tambor para acompanhar a música, e assim cantávamos: *“Dois elefantes foram passear numa teia de aranha, mas a teia não caiu, foram chamar um outro elefante”*.

Desta forma, a brincadeira seguia até que as crianças que estavam fazendo a roda não conseguissem segurar os elefantes da teia. Quando isto acontecia as crianças que estavam formando a roda diziam “a teia arrebentou” e todas as crianças caíam no chão, pois a teia havia arrebentado com a força dos elefantes.

Esta atividade foi muito interessante, pois através de uma brincadeira, as crianças puderam marcar, perceber e reproduzir, com o tambor o ritmo apresentado na música, utilizando muito a imaginação, pois afinal, naquele momento, as crianças se transformaram em grandes elefantes.

Vamos tocar uma música?

O professor iniciou esta atividade apresentando as notas musicais dó, ré, mi, fã, sol, lá, si para as crianças, no metalofone. Depois pediu para que cada criança tocasse a seqüência de notas como ele havia feito.

As crianças, no início da atividade, tiveram certa dificuldade de tocar a seqüência corretamente, mas depois, através da vivência, da experimentação, tudo ficou mais fácil e, no final da atividade, já tinham um domínio maior e atenção na seqüência apresentada.

Esta atividade mostra que somente com a prática, com a manipulação do instrumento, é que a criança poderá aprimorar o conhecimento da técnica de tocar, de manipular tal instrumento, bem como uma seqüência de notas musicais.

Duração e intensidade da música:

O professor iniciou a atividade contando uma história cujos personagens eram um gigante e um anãozinho. No decorrer da história ele incorporou uma música que dizia assim *“Lá tem um gigante que tem o pé grande e um anãozinho que tem o pé pequenininho”* e, neste momento, ele acelerava a batida no metalofone quando falava do anãozinho e no momento do gigante ele batia mais devagar.

Neste momento, o objetivo do professor era que as crianças percebessem a duração e a intensidade do som.

Depois que ele terminou a história, junto com a música ele perguntou para as crianças se elas haviam percebido a diferença que existe entre o andar do gigante e do anãozinho, que era representada pelo som devagar mais pausado e mais forte e pelo som mais rápido, mais fraco, menos pausado, sucessivamente.

Terminada a explicação ele pediu para as crianças se posicionarem de pé e assim as dividiu em dois grupos diferentes, um dos gigantes e outro dos anãozinhos e, no momento em que aparecesse o gigante na música o grupo dos gigantes iriam representar com o corpo a velocidade do andar do gigante, e o mesmo aconteceria com o grupo dos anãozinhos.

Foi impressionante a maneira como as crianças incorporaram o personagem e com isso conseguiram compreender a intensidade do som.

Roda da conversa:

Esta atividade é realizada todos os dias pelo professor logo no início da aula, na qual o objetivo é que as crianças falem sobre os mais diferentes assuntos, não se restringindo apenas à música.

Nesta roda, o professor consegue conhecer um pouco mais sobre a experiência dos seus alunos, inteirando-se da vida de cada um deles.

A forma como é conduzida a roda também é muito interessante, porque faz com que a criança fique atenta, respeitando o momento em que seu amigo, ou até mesmo o professor, esteja falando, promovendo a socialização e o respeito mútuo que devemos ter para com os outros e exigir o mesmo das crianças.

A música e o teatro:

A proposta desta atividade era que as crianças representassem, através do teatro, a música “A linda rosa juvenil”.

Pelo fato desta música ser de conhecimento de todas as crianças, não foi necessário que cantassem muitas vezes para saber sobre o que a música falava.

Primeiramente o professor fez um levantamento junto com as crianças dos personagens que precisariam ter para fazer o teatro da música. Como não tinha personagem para todas as crianças o professor sugeriu que algumas crianças poderiam fazer a representação do cenário. Elas adoraram a idéia.

Na divisão dos personagens cada criança pôde escolher o personagem que gostaria de representar e a forma como representaram cada personagem, foi escolhida por cada uma das crianças.

Enquanto o professor tocava e cantava a música, as crianças faziam a representação teatral.

Depois o professor dividiu as crianças em duas turmas para que uma turma pudesse assistir a outra, criando uma platéia para a apresentação.

As crianças gostaram muito desta atividade, pois elas se envolveram de uma forma surpreendente, desenvolvendo a imaginação no processo de criação e a expressão corporal.

OUTRA ENTREVISTA, OUTRO BATE-PAPO, OUTRA FORMA DE TRABALHO.

De acordo com a entrevista realizada com este segundo professor, pude obter várias informações importantes que dizem respeito à concepção e à forma como ele trabalha a música com as crianças.

Para ele, a música é a arte de expressar harmonia e equilíbrio através dos sons, de forma a contribuir com a evolução do reino humano, animal, vegetal, mineral, angélico e espiritual.

Neste sentido, a educação musical, para ele, tem como objetivo colocar a música à serviço da formação física, emocional, mental, do caráter e espiritual do ser humano.

Portanto, a música apresenta-se, nesta concepção, como algo fundamental para a criança em seus primeiros anos de vida, pois ela cria condições de harmonia no ambiente e influencia em tudo, até mesmo na formação dos ossos, segundo estudos realizados que não cabem aqui descrever, além da socialização, do desenvolvimento da oralidade, etc.

O objetivo geral traçado por este professor em suas aulas é que a criança aprenda a tocar e cantar em grupo, pois para ele, esta é a principal forma através da qual a música se faz presente na Educação Infantil, ajudando a desenvolver a noção do “eu no grupo” ou do “eu no mundo”.

Em relação aos momentos nos quais a música poderia estar presente na Educação Infantil, este professor deixou bem claro que ela pode estar presente em todos os momentos e espaços da Educação Infantil, como por exemplo, após alguma atividade, junto com o professor polivalente, nos momentos das aulas de Educação Física, em atividades que

envolvam o raciocínio lógico-matemático etc, nas quais também é possível trabalhar as questões da música ao mesmo tempo em que se trabalha os conteúdos de outras áreas do conhecimento.

O importante é que a música não seja encarada como uma mera estratégia, mas sim algo vivo, feito com esmero formal e com intensidade amorosa, além da autenticidade.

Segundo ele, as crianças gostam muito da aula de música e as atividades que elas mais se envolvem são aquelas que lhes inspiram a imaginação e a criatividade.

Quanto ao repertório musical, ele acredita na existência de dois tipos de música: a primeira seria a música positiva, construtiva e evolutiva, que deveria ser ouvida com regularidade, existentes em vários estilos, épocas e culturas diferentes; e a segunda seria a música negativa, destrutiva e involutiva, que deveria ser reconhecida e rejeitada sempre, mas para isso necessitamos desenvolver uma percepção que vai além do gosto subjetivo e do modismo. Portanto, para ele, aprender a ouvir deveria ser uma disciplina do currículo escolar, talvez.

Neste caso, ele acredita que um professor polivalente de Educação Infantil tem condições de ministrar aulas de música para as suas crianças, desde que este tenha um certo conhecimento de música, de algum instrumento pelo menos, e desenvolvimento básico do canto.

Como foi dito, o professor pode dispor de vários momentos para trabalhar com a música na Educação Infantil, não somente nas aulas específicas com professores especialistas. Para isto, o professor deve perceber o valor da música na educação e procurar estudar possibilidades de como inserir a música na Educação Infantil.

Em se tratando da questão do talento para se fazer música, ele acredita que este é algo para ser desenvolvido, dependendo do ambiente no qual a criança está inserida. Neste caso, o talento, para ele, é uma certa “facilidade” que a criança tem em aprender.

Segundo ele, se uma criança não tenha talento nenhum, esta certa facilidade para aprender música, mas ela se interessa, procura estudar, entender e convive em um ambiente musicalmente favorecido, ela terá grandes chances de desenvolver, de aprender música. Portanto, o talento se desenvolve ou não de acordo com o ambiente no qual a criança vive, não se apresentando como algo imprescindível para fazer música.

O trabalho com a música na Educação Infantil, segundo o professor, traz muitas contribuições para o desenvolvimento das crianças, pois auxilia no desenvolvimento do raciocínio, do processo de criação, da socialização, da sensibilidade etc.

Esta socialização, promovida pela música, diz respeito ao conviver harmoniosamente em grupo, pois trabalhar a música em grupo pode despertar o sentido de cooperação, de complementação mútua, de união.

A música grupal depende do som de cada integrante do grupo para existir e para esta música ser bela, necessariamente deve ser desenvolvido o amor fraterno entre todos, voltados para um bem comum a todos: a harmonia e a beleza.

A música pode vir a se tornar, quando bem compreendida e utilizada, um poderoso antídoto contra o veneno do egoísmo, da desarmonia e da ansiedade do mundo atual. Ela pode despertar nos indivíduos aspiração pela beleza, pela bondade, pelas coisas elevadas, pelos valores nobres da alma e do espírito.

É preciso deixar claro que não é qualquer tipo de música que poderia cumprir este papel. Para ele, a música capaz de estimular a formação de um caráter nobre no ser humano, desde a mais tenra idade, só pode ser aquela que foi concebida sob a inspiração

dos mais altos cumes da alma do compositor. Esta classe de música pode segundo Shakespeare: “Arrasar as ansiedades escritas no cérebro e com seu doce e neutralizador antídoto, limpar a alma das matérias perigosas que pesam sobre o coração”.

Portanto, a educação através da música deveria ser destinada a todos para que venham a ser, ao longo de suas vidas, pessoas melhores, mais sensíveis, mais conscientes, mais cooperativas, enfim, pessoas capazes de valorizar a harmonia e a beleza genuínas.

Desta forma, podemos perceber que este professor apresenta uma visão ampla e poética sobre a música, enfatizando a importância da mesma na formação do ser humano.

Ele também faz um alerta sobre os tipos de músicas existentes, os quais devem ser analisados pelos alunos junto com seus professores, ou até mesmo com as pessoas de seu convívio social, como os próprios pais, por exemplo, a fim de saber distinguir quais delas trarão benefícios ou malefícios para os seres humanos.

Um fato que me chamou a atenção foi em relação ao conhecimento que este professor tem sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem, conhecimento este adquirido através de seus estudos e de seus dez anos de experiência como professor de música. Todo este conhecimento, esta experiência reflete na forma como ele conduz suas aulas, nas quais as crianças se motivam, se educam, se envolvem com a música.

DIÁLOGOS ENTRE DUAS PRÁTICAS

A partir da análise das duas práticas de diferentes professores de música, pude perceber que existem algumas semelhanças e diferenças entre a concepção da primeira professora e do segundo professor, fato este que se revela no modo como cada professor conduz sua aula, refletindo na aprendizagem e no desenvolvimento de cada criança. Portanto neste capítulo, pretendo fazer um diálogo entre as duas práticas dos professores de música analisadas.

Um fato que marcou muito a prática da primeira professora foi que esta não proporcionava o contato das crianças com os instrumentos musicais, pois ela acredita que a criança precisa aprender a tocar, para então, poder tocar um determinado instrumento, fazendo uma distinção entre a teoria, o como se faz e a prática.

Neste sentido, nos questionamos a respeito de como as crianças poderão aprender a tocar determinado instrumento musical se elas não têm a oportunidade de experimentar, manipular tal instrumento.

Já o segundo professor de música, não apresentou tal postura em relação aos instrumentos, pois desde a sua primeira aula ele já proporcionou um momento para as crianças explorarem, tocarem o instrumento, mesmo que as mesmas ainda não soubessem tocar.

Desta forma, fica evidente que a primeira professora não acreditava no potencial das crianças em poder tocar um instrumento sem quebrar, pois em vários momentos de sua aula, ela deixava claro seu medo, de que as crianças quebrassem o piano, ou até mesmo o violão. Para ela, as crianças eram seres incapazes de manipularem tais instrumentos.

Tal postura da professora frustrava as crianças a cada aula, pois elas sempre tinham a esperança e uma vontade imensa de poder tocar aqueles instrumentos. Esta proibição foi fazendo com que as crianças perdessem a motivação para participar das aulas de música.

Neste caso, ela descartava a teoria de Vygotsky, já mencionada anteriormente, que diz que a criança precisa manipular, vivenciar para aprender fatos, conceitos, situações, extrapolando os limites da observação.

O segundo professor, acredita na importância da criança manipular experimentalmente, diferentes maneiras de tocar determinado instrumento e este contato das crianças com o instrumento musical é um fato ocorrente na maioria de suas aulas.

Esta postura do segundo professor faz com que as crianças se sintam capazes de aprender a tocar determinado instrumento, motivando-se e se interessando cada vez mais a participar das aulas de música. Portanto, para ele, a experimentação é indispensável para que ocorra o aprendizado e o desenvolvimento da criança.

Portanto, através destes momentos de interação os sujeitos, ou seja, entre as crianças e o professor, ocorrerão situações que irão promover o aprendizado, a capacidade da criança se relacionar e se desenvolver.

Sendo assim, é imprescindível que na Educação Infantil se priorize a aprendizagem, pois ela está fortemente ligada ao desenvolvimento da criança.

“(…) a característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimula, e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com os outros, que, na continuação, são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança (…)

“(…) a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolva na criança essas características humanas não naturais, mas

formadas historicamente (...) todo processo de aprendizagem é fonte de desenvolvimento que ativa numerosos processos que não poderiam desenvolver-se por si mesmos sem a aprendizagem” (VYGOTSKY, 1988, p.115)

Desta forma, é preciso que todos os professores de Educação Infantil, inclusive os professores especialistas, se atentem para o fato de como as crianças aprendem e se desenvolvem, a fim de proporcionar situações as quais as crianças possam se envolver, aprender e se desenvolver.

As crianças pequenas aprendem vivenciando determinadas situações, pois na maioria das vezes, não cabe apenas apresentar, mostrar, falar como é, elas precisam vivenciar tal fato. Por exemplo: não adianta falar para a criança que limão é azedo se ela ainda não tem uma experiência do que é azedo, portanto ela deverá experimentar e constatar que limão é azedo. Este é apenas um exemplo cotidiano, mas que evidencia o fato de que a criança precisa vivenciar, interagir com o meio, com o outro para poder experimentar, vivenciar e aprender.

Com o objetivo de promover tais interações, o professor poderá utilizar diversos recursos e materiais como, por exemplo: jogos, brinquedos, livros, músicas etc, para proporcionar situações em que as crianças irão interagir e construir um conhecimento, ou seja, aprender algo.

“Com relação à atividade escolar, é interessante destacar que a interação entre os alunos também provoca intervenções no desenvolvimento das crianças. Os grupos de crianças são sempre heterogêneos quanto ao conhecimento já adquirido nas diversas áreas e uma criança mais avançada num determinado assunto pode contribuir para o desenvolvimento (...) Qualquer modalidade de interação social, quando integrada num contexto realmente voltado para a promoção da

aprendizagem e do desenvolvimento, poderia ser utilizada, portanto, de forma mais produtiva na situação escolar”.(OLIVEIRA, 2001, p.64).

É imprescindível que o professor promova tais situações de interação que estimule não só a racionalidade, o intelecto da criança, mas também as sensações, emoções, suas diferentes formas de expressão, através do corpo, da música, da arte e, como vimos, esta postura foi adotada apenas pelo segundo professor, quando ele propôs a atividade de movimento e ritmo, na qual as crianças tiveram a oportunidade de integrar o ritmo externo da música ao ritmo interno do próprio corpo.

Nesta atividade de movimento e ritmo, ficou evidente o envolvimento das crianças, pois naquele momento elas estavam vivenciando a atividade literalmente de corpo inteiro.

Outro fato que podemos destacar, diz respeito à abertura que cada professor cedeu em suas aulas à participação das crianças, objetivando a criação. A primeira professora, normalmente, não tinha uma abertura para aceitar as opiniões, sugestões das crianças, não possibilitando um espaço para o processo de criação durante a sua aula.

Desta forma, cabia as crianças apenas reproduzirem aquilo que a professora propunha sem nenhuma modificação. Tal postura ficou evidente quando ela propôs a atividade “As notas musicais”, na qual as crianças quiseram, mas não puderam sugerir os movimentos do corpo que iriam fazer de acordo com as notas musicais, pois a elas caberia apenas reproduzir os movimentos determinados pela professora.

Já o segundo professor, dava uma abertura bem grande para as crianças participarem, dando sugestões, comandando atividades, atribuindo de certa forma um papel ativo e responsável à criança durante a aula.

Este fato ficou evidente na atividade “Mestre da orquestra”, na qual as crianças tiveram a oportunidade de sugerir os gestos que seriam feitos e também puderam comandar a atividade, junto com as outras crianças, incorporando o papel de mestre da orquestra.

Desde o princípio a criança necessita de um espaço para criar sua autonomia, para que tenha suas opiniões próprias e, acima de tudo, saiba defendê-las, diante de seu grupo social, desenvolvendo sua criticidade.

Uma criança que não tem a possibilidade de poder expressar suas opiniões sempre acatando a tudo aquilo que lhe é pedido, não conseguirá desenvolver uma autonomia para tomar decisões sozinhas. Ela sempre precisará de outras pessoas para ajudá-la a decidir sobre fatos ocorrentes em sua rotina diária de vida, transformando-a em um sujeito heterônomo, passivo e apático diante dos acontecimentos sociais.

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros... O professor que desrespeita o educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe, a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar” ao mais tênue e sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência” (FREIRE, 1996, p. 66).

Outra situação relevante comum à aula da primeira professora e do segundo professor, foi que ambos proporcionaram momentos em que as crianças pudessem cantar,

soltar a voz, articulando todas as questões particulares da linguagem musical, como o ritmo, por exemplo.

O canto na Educação Infantil desempenha um papel muito importante na educação musical da criança, pois a canção agrupa, de maneira estética, melodia, ritmo e harmonia, além de promover a socialização e a união do grupo de crianças, pois no caso da música grupal será necessária a participação de um número maior de crianças, na qual cada uma delas terá a sua importância dentro do grupo.

O método utilizado por ambos professores foi o da imitação, que deu muito certo. Afinal, as crianças de Educação Infantil aprendem muitas coisas através da imitação e, neste caso, aprenderam, ou melhor, ainda estão aprendendo a cantar cantando. *“Com o auxílio da imitação na atividade coletiva guiada pelos adultos, a criança pode fazer muito mais do que a sua capacidade de compreensão de modo independente”* (VYGOTSKY, 1988, p.112).

A escolha do repertório musical apresentou-se bastante variada em ambas práticas. Ambos partiram do trabalho com músicas infantis que já pertenciam ao repertório musical daquelas crianças, sendo que a primeira professora não ampliou muito o repertório das crianças, limitando-se a utilizar as músicas que pertenciam a esse repertório, não apresentando grandes novidades. Já o segundo professor procurou trazer músicas de diferentes regiões do Brasil que até então eram desconhecidas pelas crianças.

Atualmente, nós podemos perceber que as crianças, principalmente as moradoras dos centros das grandes cidades, como a de Campinas, mais especificamente no bairro onde moro, por exemplo, não têm o costume de entoar cantigas de roda e acompanhar seus jogos com cantos, como faziam as crianças da década de 1970 e 1980.

Durante este tempo, ocorreu uma troca destes jogos acompanhados por cantos, cantigas de roda, pelos jogos eletrônicos, por grande parte das crianças.

Sendo assim, é imprescindível que a escola promova tais situações para as crianças, oferecendo para elas um repertório variado de canções eruditas, religiosas, infantis, folclóricas etc, para que as crianças percebam que existem outros tipos de músicas, não se restringindo apenas àquelas que são vinculadas na mídia, que algumas vezes apresentam uma linguagem inapropriada para as crianças, com idéias e até mesmo palavras obscenas.

Outra situação que também esteve freqüente nas aulas de música do segundo professor foram em relação às brincadeiras, fato este que foi apresentado apenas duas vezes pela primeira professora em suas aulas.

As crianças de zero a seis anos têm uma necessidade muito grande em brincar e é certo que a brincadeira provoca um interesse muito grande nas crianças e envolve a mesma de forma completa. Afinal, tudo aquilo que é divertido torna-se mais interessante para as crianças, sendo assim, a criança vivencia a brincadeira de corpo inteiro e através dela, pode aprender muitas coisas.

“Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar o papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais” (BRASIL, 1998, vol.2, p.22).

Uma situação que não esteve presente nas aulas de ambos os professores, foi em relação à troca de experiências, de conhecimentos, entre as crianças de diferentes faixas etárias.

Neste caso, os professores poderiam ter promovido momentos, na rotina diária das crianças, em que elas pudessem compartilhar aquilo que conhecem, por exemplo, cantar as músicas que conhecem, para as crianças de um outro grupo, de outra faixa etária, pois ao mesmo tempo em que estarão compartilhando saberes, terão a oportunidade de se expressar a um grupo desconhecido de crianças, fazendo com que as mesmas se sintam importantes, reforçando a auto-estima e a socialização das mesmas.

“O domínio da fala diversifica as modalidades de interação, favorecendo o intercâmbio de idéias, realidades e pontos de vista. A observação das interações espontâneas revela quanto as crianças conversam entre si. Não seria possível inventariar os possíveis temas de conversa, pois o repertório é infinito, refletindo vivências pessoais, desejos, fantasias, projetos e conhecimentos. Por exemplo, ao conversarem sobre assuntos do universo familiar, de cada um, todos os participantes se enriquecem, pela oportunidade de expressão e de contato com outras vivências. Dada a importância do diálogo na construção de conhecimentos sobre si e sobre o outro, são aconselháveis situações em que a conversa seja o principal objetivo” (BRASIL, 1998, vol.2, p.42)

Outro fato relevante à prática dos professores foi em relação à bandinha. É comum, quando falamos no trabalho com música na Educação Infantil, ter o objetivo de realizar a formação de bandinhas, nas quais as crianças terão a oportunidade de tocar diferentes instrumentos acompanhando o ritmo de determinada música.

Em relação às práticas analisadas, nenhum dos professores formou nenhum tipo de bandinha. A primeira professora, a princípio, havia prometido tal atividade para as crianças,

mas esta não chegou a ser viabilizada em suas aulas, pois ela não conseguiu, nem ao menos, realizar o trabalho com os instrumentos musicais.

O segundo professor não trabalhou com a atividade denominada bandinha, mas em suas aulas, proporcionou vários momentos nos quais as crianças tiveram a oportunidade de tocar diferentes instrumentos, sendo assim, acredito que estas atividades conseguiram suprir os objetivos recorrentes ao trabalho com a bandinha na Educação Infantil, em relação apenas ao conhecimento e manipulação de diferentes tipos de instrumentos.

Em relação ao conteúdo e até mesmo aos temas das aulas, pudemos perceber que o segundo professor de música apresentou uma preocupação muito grande em relacionar e trabalhar nas suas aulas com temas e conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala de aula pelos professores polivalentes, interessando-se por desenvolver um trabalho coletivo com os demais professores da escola.

Já a primeira professora, não tinha a mesma preocupação, pois ela não abria tal possibilidade de realizar um trabalho coletivo, acreditando que na aula de música só poderia se trabalhar com questões referentes à música, fato este que acaba fragmentando o conhecimento em diferentes áreas e atualmente o que buscamos em educação é o trabalho do conhecimento como um todo.

Neste caso, enfatizamos a riqueza do trabalho pedagógico, quando este é desenvolvido coletivamente por todos os professores pertencentes ao corpo docente da escola, pois este viabilizará uma aprendizagem significativa para as crianças e também para os professores que aprenderão muitas coisas, com a troca de conhecimentos que se dará entre todos os profissionais envolvidos.

Um fato comum na prática dos dois professores, foi que ambos trabalharam com os elementos musicais, como por exemplo: altura, intensidade, duração, timbre, melodia, harmonia e ritmo.

A primeira professora se prendeu mais na questão da altura e do ritmo. Já o segundo professor trabalhou também com a intensidade, a duração e o timbre dos sons emitidos por diferentes instrumentos musicais.

Desta forma, podemos perceber que a primeira professora não conseguiu fazer com que as crianças se envolvessem com a música, pelo fato de não proporcionar a manipulação de instrumentos musicais, dando ênfase a atividades nas quais as crianças apenas reproduziam as ações da professora.

Este fato se reflete ao conhecimento que esta professora tem a respeito do desenvolvimento da criança, a sua experiência e a concepção que a mesma apresentou no momento da entrevista.

Neste caso, ficou evidente quando a professora descreve no seu planejamento, os objetivos a serem trabalhados com as crianças de acordo com a faixa etária, em relação à presença marcante do trabalho com a coordenação motora, relatado anteriormente, dentre os objetivos específicos, evidenciando o desconhecimento por parte da professora em se tratando do desenvolvimento da criança, mais especificamente da coordenação motora.

Como vimos, existe uma infinidade de possibilidades de trabalho, que ficou explícito nas aulas do segundo professor, que possibilitou em suas aulas um envolvimento bastante interessante das crianças com o universo musical, através da utilização de variadas estratégias, colocando-as em contato com diferentes tipos de instrumentos musicais e atividades com as quais as crianças se envolveram de corpo inteiro, conseguindo fazer com

que elas começassem a perceber o mundo sensivelmente com profundidade sob o prisma da linguagem artística.

A MÚSICA EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Pelo fato de estarmos trabalhando muito com o conceito da música, acreditamos que seria importante retratarmos o mesmo em uma perspectiva histórica.

A palavra música vem do grego “*mousiké*” e significa “arte das musas”, em conjunto com a poesia e a dança.

Nas civilizações antigas, os gregos atribuíam aos deuses sua música, a qual era concebida como uma criação e expressão integral do espírito. A música era encarada como uma forma de alcançar a perfeição.

“A paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização, ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e civilizar. O músico era visto como o guardião de uma ciência e de uma técnica, e seu saber e seu talento precisavam ser desenvolvidas pelo estudo e pelo exercício. O reconhecimento do valor formativo da música fez com que surgissem, naquele país, as primeiras preocupações com a pedagogia da música”.
(LOUREIRO, 2003, p.34)

Para os gregos, a música era de suma importância para a formação do ser humano e por isso a instrução deveria ultrapassar o caráter estético. Como disciplina escolar, tinha como objetivo, proporcionar a medida dos valores éticos, tornando-se uma sabedoria para esta sociedade.

A educação, para os gregos, possuía uma função mais espiritual que material, pois era concebida como uma relação harmoniosa entre o corpo e a mente, com o objetivo de preparar o cidadão para participar e usufruir dos benefícios da sociedade.

O objetivo principal da educação dos gregos era a formação do caráter do sujeito e não simplesmente a aquisição de conhecimento, buscando uma educação plena do ser humano, vinda de dentro de cada sujeito, baseando-se na vida de cada pessoa e não simplesmente em livros.

Neste caso, os gregos buscavam uma educação através do equilíbrio entre o corpo e a mente, através da música e da ginástica, na qual a ginástica se destinava ao trabalho com o corpo e a música com a alma. Desta forma, a música era fonte de sabedoria, sendo indispensável à educação do ser humano.

Após a invasão do Império Romano, essa concepção de educação se altera, pois as emoções e o sentimento de humanidade, característicos dos gregos, não se adequavam à formação dos soldados romanos, que deveriam ser educados para serem duros, rígidos, disciplinados e severos.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica demonstra grande interesse pela música, incluindo-a nos cultos cristãos, acreditando que ela fosse capaz de exercer forte influência, dominação sobre os homens e com isso a música recupera, ao longo do tempo, sua linguagem expressiva de sentimentos humanos pautada na concepção grega, como ciência e como arte.

Os jesuítas, no processo de escolarização da juventude européia, utilizaram a música como um recurso principal na busca da formação do bom cristão, por isso, até o final do século XVIII, a educação musical foi praticada com fins estritamente religiosos.

Pestalozzi e Froebel, herdeiros das concepções de Rousseau, defendem uma educação baseada no respeito à natureza humana, enfatizando a importância da sensibilidade no desenvolvimento da razão, cuja experiência antecede a aprendizagem, e assim, a música começa a se livrar da sua prática restrita aos fins religiosos.

Devido a esta ênfase na sensibilidade no processo de educação e construção do ser humano, abre-se um caminho para a educação musical mais voltada para a prática do que para a teoria.

No Brasil, o ensino de música esteve estritamente ligado aos primórdios do processo de colonização, tendo seu início com a vinda dos jesuítas que educavam os indígenas musicalmente para o desempenho destes nas missas, promovendo assim a doutrinação da Igreja Católica entre os índios. Desta forma, a música se restringia a fins estritamente religiosos.

Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, a educação brasileira começa a sofrer mudanças, influenciada pela educação portuguesa, na qual a música se faz presente.

No século XVIII, no Rio de Janeiro, é criada uma escola de música para os filhos de escravos, de onde saíram vários músicos.

Nas escolas em que se formavam os professores de música, existia um repertório musical que apresentava, de forma subentendida, idéias, valores e comportamentos da elite dominante. Portanto, o canto era utilizado como forma de controle e integração dos alunos, sendo assim, os aspectos musicais não tinham tanta importância.

No século XIX, a educação musical apresenta duas vertentes: do ensino formal, praticado dentro do contexto escolar, como no Imperial Conservatório de Música, onde se preparavam indivíduos para atuar em funções específicas, como em igrejas e teatros; e do ensino informal, praticado em diferentes lugares informais, preparando indivíduos para atuar em espaços não-formais, como salões e salas da sociedade carioca da época.

Influenciados pelo movimento escolanovista, no século XX, o ensino de música na Europa sofreu mudanças e uma delas foi a formulação de propostas inovadoras para o ensino de música.

No Brasil, estas propostas ganharam corpo com a Escola Nova, que dava importância à arte na educação, para o desenvolvimento da imaginação da criança, proporcionando a livre expressão infantil.

A Semana da Arte Moderna, em 1922, trouxe novas maneiras de entender o fazer artístico, contestando aqueles que não considerassem a expressão espontânea da criança, provocando uma grande revolução no campo artístico.

Na década de 1970, a disciplina de música passa a integrar, juntamente com as artes plásticas e o teatro, a disciplina educação artística estabelecida pela lei nº 5.692/71 em seu artigo 7º: *“Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observando quanto à primeira o disposto no Decreto lei nº 869, de 12 de setembro de 1969”*

Desta forma, a música passa a ser considerada como uma entre as diversas formas de expressão artística, sendo que esta atualmente, não apresenta um papel importante, de acordo com a concepção e a postura de alguns professores, e por isso sua inclusão no elenco das disciplinas obrigatórias, quando isto acontece, pode ser interpretada como uma concessão à tradição humanística, de acato a autoridades educacionais, que está presente na educação brasileira.

De acordo com as minhas experiências, a música acaba sendo totalmente deixada de lado na disciplina de Educação Artística, para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, priorizando apenas a arte visual.

A minha experiência, assim como a de outras pessoas que estudaram em escolas públicas na década de oitenta e noventa, com a disciplina de Educação Artística durante o

Ensino Fundamental se resumia apenas a arte visual, pois passei oito anos de minha vida escolar desenhando e pintando.

No Ensino Médio, quando cursei a disciplina Metodologia do Ensino de Artes, pude vivenciar algo relacionado à arte teatral, quando tive a oportunidade de criar junto com minhas colegas de classe, duas apresentações teatrais, que marcaram a minha vida escolar, pois até hoje consigo me lembrar perfeitamente, do quanto me envolvi com este trabalho.

Neste caso, percebemos que a música não se fez e não se faz presente na maioria das escolas estaduais de Ensino Fundamental e Ensino Médio do município de Campinas, na prática da disciplina de Educação Artística.

Em relação à Educação Infantil, podemos encontrar várias escolas particulares do município de Campinas que têm aulas de música com professores especialistas. Já nas escolas municipais de Educação Infantil do mesmo município, não encontramos professores especialistas de música e por isso, a maioria dos professores polivalentes da Rede Municipal de Campinas não realizam por diferentes motivos que irei discutir posteriormente, o trabalho com a música na Educação Infantil.

É preciso considerar a existência hipotética, que até o momento desconheço, de alguns professores polivalentes da Rede Municipal de Campinas que desenvolvam algum trabalho em relação à música com seus alunos, não generalizando todo o grupo de professores.

Portanto podemos concluir que, de maneira geral, o trabalho com a música atualmente só está sendo viabilizado na grande maioria das escolas particulares de Educação Infantil e algumas de Ensino Fundamental também particulares do município de Campinas. Já em escolas municipais e estaduais da Educação Infantil e Ensino

Fundamental a música é deixada de lado, não se fazendo presente no currículo e nas salas de aulas destas escolas.

BUSCANDO UM CONCEITO DE MÚSICA

Atualmente vários autores têm elaborado diversas discussões procurando definir o conceito de música, que expressam diferentes tipos de concepções.

Para iniciar uma breve discussão sobre o conceito de música fomos buscar no *Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, e encontramos no verbete “música” as seguintes definições: “1- *Arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido.* 2- *Composição musical* 3 - *Música escrita* 4 - *Conjunto ou corporação de músicos*”.

Na busca de tentar ampliar tal conceito, fomos buscar na *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, material que também traz a definição de vários verbetes, o que esta trazia em relação à música, e encontramos as seguintes definições:

“1 - Arte que permite ao homem exprimir-se por meio de sons. 2 - Qualquer composição musical. 3 - Ciência dos sons considerada no que diz respeito à melodia, à harmonia e ao ritmo. 4 - Reunião de pessoas praticantes de música, que constituem uma instituição; orquestra, fanfarra. 5 - A execução de uma peça musical. 6 - Qualquer conjunto de sons”.

A partir destas definições, percebemos que estas tratam a música como algo bem restrito e superficial, seguindo uma abordagem subjetiva, pois considera-se a música como algo que agrada aos ouvidos, e também como algo que não apresenta nenhum valor em relação ao seu próprio movimento de construção, pois a música é definida aqui como qualquer conjunto de sons.

Então, será que a música pode ser vista apenas como algo subjetivo?

É justamente neste ponto que queremos enfatizar: a emoção, a sensação que a música evoca nas pessoas, afinal é impossível ouvirmos uma música, seja ela de que estilo for, e esta não desencadear nenhuma sensação, ou emoção.

A música, especificamente, carrega uma carga sensorial emotiva, mas ela não pode ser resumida, ou mesmo caracterizada, levando-se em conta apenas a sua característica subjetiva.

O conceito de música é muito mais amplo, pois ela é uma linguagem que precisa ser interpretada. É preciso buscar um sentido, uma significação.

De acordo com PANNAIN (1975), ela define música como “*arte de combinar sons e formar com eles melodia e harmonia*”, mas esta definição também não está totalmente adequada e completa, pois segundo BRITO (2003) “*nem toda música é constituída por melodia e harmonia*”.

BRITO (2003), faz uma discussão muito interessante e pertinente em relação ao conceito de música, abordando também a concepção de KOELLREUTTER (1987), músico alemão (Freiberg 1915), que em 1937 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi professor do Conservatório Brasileiro de Música (1938) e fundou o grupo Música Viva (1939).

“A música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos”, afirma Hans-Joachim Koellreutter. Música é uma linguagem que organiza, intencionalmente, os signos sonoros e o silêncio, no *continuum* espaço-tempo. Para Koellreutter, na música se faz presente um jogo dinâmico de relações que simbolizam, em microestruturas sonoras, a macroestrutura do universo. Ele considera que a linguagem musical pode ser um meio de ampliação de percepção e da consciência, porque permite vivenciar e conscientizar fenômenos e conceitos diversos”(BRITO, 2003, p.26).

Falar sobre música não é apenas falar sobre os parâmetros do som.

“ (...) As características do som não são, ainda, a própria música. Mas a passagem do sonoro ao musical se dá pelo relacionamento entre sons (e seus parâmetros) e silêncios.

“Música não é melodia, ritmo ou harmonia, ainda que estes elementos estejam muito presentes na produção musical com a qual nos relacionamos cotidianamente. Música é *também* melodia, ritmo, harmonia, dentre outras possibilidades de organização do material sonoro”.(BRITO, 2003, p.26)

A partir deste início de discussão é possível imaginar como existem várias concepções em relação ao conceito de música, segundo vários autores.

Com base nestas concepções, meu conceito de música é que esta é uma linguagem, uma forma de expressão, com características próprias, que se dá através de uma seqüência de sons, com o propósito de ser ouvida.

O propósito de ouvir, ou até mesmo produzir uma música tem de existir, pois, por exemplo: uma pessoa que martela um prego em um pedaço de madeira produz uma determinada seqüência de sons, mas neste caso ela não está intencionada em compor uma música e sim em trabalhar, pregar o prego na madeira.

Portanto, neste caso o som produzido não é uma música e sim apenas resultado do atrito no prego com a madeira. Já em uma situação em que uma pessoa segura uma lata de lixo de metal e através da batida intencional de sua mão na lata, produz uma seqüência de sons, que podemos considerar neste caso, um momento de produção musical.

A música é encarada como uma linguagem artística estruturada e organizada, que está presente o tempo todo em nossas vidas e, como uma forma de arte, ela se caracteriza como um meio de expressão e comunicação entre pessoas de uma mesma comunidade,

entre comunidades e também entre nações, enfatizando o caráter cultural que a música apresenta. Afinal em cada música nós podemos encontrar características e conhecer um pouco mais sobre o compositor, o cantor e até mesmo o país de origem.

Através da música nós podemos comunicar uma idéia, relatar uma situação do cotidiano, um sentimento...enfim, como meio de expressão, a música faz parte da vivência humana e está presente no mundo inteiro, sem excluir raça, gênero ou até mesmo religião.

Neste processo de comunicação que a música estabelece com o outro, se revela uma experiência pessoal do ser humano com a música, de forma que esta se torne parte do mesmo, parte de sua história, de sua cultura, desde os primórdios da civilização, como vimos.

Não podemos negar de forma alguma que a música sensibiliza o ser humano, mas precisamos deixar claro que esta sensibilidade não é algo comum a todos e também não se resume no aspecto mais importante em se tratando da relação entre a música e o ser humano. *“ Ser sensível a música não é uma questão mística ou de empatia, não se refere a uma sensibilidade dada, por razões de vontade individual ou de dom inato, mas sim uma sensibilidade adquirida, construída num processo”* (PENNA, 1990, p.21).

O ser humano para criar esta sensibilidade em relação à música, precisa estar em contato com diferentes estilos musicais, pois esta não é algo inerente ao ser humano. Ela se resume em um processo a ser construído dentro de um espaço de tempo pelo ser humano, com a interação de inúmeras pessoas, e assim podemos afirmar que uma pessoa que ouve diferentes estilos de música possui um conhecimento muito maior em relação à música e neste processo de conhecimento constrói uma maior sensibilidade musical.

Desta forma, é imprescindível que a atividade musical se funde a partir da relação, da interação do ser humano com a música, musicalizando as experiências de vida dispersas

e assistemáticas do ser humano, como ouvir rádio, dançar, batucar na mesa de um bar, bater o pé enquanto ouve determinada música, considerando-se estas como formas espontâneas de musicalizar.

A partir dessa concepção não é preciso que o aluno tenha algum talento, ou algum “dom” para fazer música e musicalizar-se, pois este processo depende apenas da prática e da interação do sujeito com a música.

Se colocarmos como condição ter competência prévia para se obter sucesso na música ou até mesmo na escola, de acordo com as experiências culturais e pessoais do ser humano, nós acabaremos por reproduzir as desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, na qual apenas aqueles que já apresentam certo conhecimento sobre determinado assunto conseguem ter êxito na escola, enquanto os outros acabam sendo excluídos do processo de ensino.

Na realidade é muito mais fácil e tranqüilo ensinar aqueles que já sabem ou que apresentam certa facilidade para tal. O difícil, e neste caso o mais importante, é ensinar aqueles que ainda não sabem e que apresentam certas dificuldades em aprender.

Nós professores devemos ter em mente que o nosso compromisso deve abranger todos os alunos, sem reproduzir o processo de exclusão de alunos que não possuem determinado conhecimento.

Portanto, nosso objetivo com o trabalho de música, não é simplesmente em trabalhar com aqueles poucos que já sabem, se interessam pela música, mas a forma como entendemos a musicalização, se resume em um processo educacional orientado que se destina a todos.

Sendo a musicalização compreendida como ato ou processo de musicalizar, acreditamos na educação musical como parte inseparável do desenvolvimento do ser

humano, pois a todo momento o homem está ouvindo sons das mais diferentes naturezas e com ele interage o tempo todo

Para se desenvolver um bom trabalho de musicalização, nós precisamos considerar aquilo que o aluno traz como experiência, como conhecimento em relação à música. *“A vivência real do aluno, por mais restrita que seja não pode ser negada, deve ser o primeiro objeto da ação musicalizadora, como apoio para o salto até horizontes mais altos”*. (PENNA, 1990, p.33).

Portanto, a musicalização não deve trabalhar apenas com um padrão musical alheio à realidade dos alunos, impondo-o em contraposição à vivência dos mesmos e sim partir de um repertório musical mais conhecido por eles como ponto de partida do trabalho, sem se restringir ao mesmo e posteriormente ou até mesmo concomitantemente, apresentar outros estilos musicais diferentes daqueles que eles já conhecem e têm o hábito de ouvir.

Sendo assim, os alunos terão a oportunidade de conhecer e escolher um estilo musical próprio que mais se identifique, pois cada um tem o direito de escolher aquele que seja de maior agrado para seus ouvidos, sem que aconteça a imposição de qualquer que seja o estilo musical por parte do professor.

Desta forma, podemos dizer que é possível, algumas vezes, conhecermos características de uma pessoa, a partir do conhecimento do estilo de música que gosta de ouvir.

Ainda tratando da musicalização de crianças, é preciso incorporar dentro deste processo, o momento em que as crianças irão expressar-se criativamente através dos elementos sonoros, pois pelo que percebemos, normalmente aos alunos cabem apenas imitar, reproduzir aquilo que a professora de música pede, sem ter possibilidade de criar,

inventar a partir dos elementos sonoros. *“Recriar a música é um meio de possui-la ativamente, ou mesmo criticá-la”*. (PENNA, 1990, p.36).

De maneira geral, a musicalização se resume em um momento de educação musical, sendo este significativo, necessário e indispensável ao desenvolvimento de um conhecimento musical sólido, promovendo em todos os alunos um conhecimento artístico, mais específico, neste caso, as questões particulares da música.

“Musicalização - processo educacional orientado que visando promover uma participação mais ampla na cultura socialmente produzida, efetua o desenvolvimento dos instrumentos de percepção, expressão e pensamento necessários à decodificação da linguagem musical (...) a música é o material para o processo formativo mais amplo, dirigido para o pleno desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito social” (PENNA, 1990, p.37)

Sendo assim, cabe à escola, principalmente de Educação Infantil foco de nosso trabalho, proporcionar momentos nos quais as crianças possam interagir com a música, desenvolvendo uma capacidade de ouvir e que tenha por base a posse de conceitos capazes de organizar a experiência sensorial musical, permitindo o desenvolvimento da recepção e percepção musical em proporções significativas, lembrando que a formação, bem como o desenvolvimento destes conhecimentos, são dependentes da experiência, da interação com a música, com o outro e principalmente com objetos sonoros e musicais.

REFLEXÕES SOBRE A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dentro do contexto social que vivemos, de uma sociedade capitalista, percebemos que a Educação Infantil está se voltando quase que exclusivamente para a formação do intelecto do indivíduo e à aquisição de maior número de conhecimentos, portanto, ela não está preocupada com o trabalho dos sentimentos, da afetividade, da sociabilidade, da expressão corporal (corpo e movimento), pois tudo isto é encarado como algo não objetivo e inoportuno da Educação Infantil.

Desta forma, os professores de Educação Infantil estão priorizando os conhecimentos relacionados ao desenvolvimento do raciocínio, do conhecimento lógico-matemático, da leitura e escrita, estritamente relacionados à parte racional, como se a criança fosse composta apenas de cérebro, não tivesse corpo, sentimentos e não necessitasse de outros tipos de linguagens e formas de expressão, para serem trabalhadas. Isso é decorrência de uma dicotomização do conhecimento, que acaba sendo dividido em dois: o racional e o corporal, no qual acaba se priorizando o primeiro.

A Educação Infantil, segundo a LDB 9.394/96, na Seção II, Art. 29: *“é a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”*

Portanto, a Educação Infantil é responsável pelo ingresso da criança em uma instituição de ensino, na qual irá interagir com um grande número de outras crianças e adultos com o objetivo de se desenvolver integralmente, e a lei é bem clara em relação a isso.

Existem também as diretrizes em relação à Educação Infantil que estão descritas no Plano Nacional de Educação de 2000:

“A educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Ela estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional e da socialização. As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, de respeito e solidariedade, responsabilidade (...) A educação infantil terá um papel cada vez maior na formação integral da pessoa, no desenvolvimento de sua capacidade de aprendizagem e na elevação do nível de inteligência das pessoas, mesmo porque a inteligência não é herdada geneticamente nem transmitida pelo ensino, mas construída pela criança, a partir do nascimento, na interação social mediante a ação dos objetos, as circunstâncias e os fatos”.

Desta forma, não podemos encarar a Educação Infantil como algo banal, sem importância, como um lugar de depósito de crianças, pois ela é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança.

Este se refere a uma certa preocupação de se trabalhar o desenvolvimento da criança como um todo, como um ser humano que possui um intelecto, mas também possui, entre outras coisas, sentimentos e um corpo, além das questões psicológicas, emocionais, sociais e afetivas, que devem ser consideradas.

Tal preocupação, é apresentada na LDB 9.394/96 e também nos Referenciais Curriculares Nacionais (1998), que apesar de usar tal terminologia apresentam uma fragmentação do conhecimento, apresentado uma incoerência entre aquilo que se preza como objetivo na Educação Infantil e a forma como os conhecimentos são apresentados no mesmo material, fragmentando os conhecimentos em determinadas áreas específicas e

diferenciando os mesmos da formação da criança, como se o conhecimento estivesse separado da formação social e pessoal da criança.

No capítulo “música” do volume três dos Referenciais Curriculares da Educação Infantil (1998), está descrito que o trabalho com a música deve garantir à criança a possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões musicais, em um exercício sensível e expressivo.

“O trabalho com a música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e uma forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentam necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e auto conhecimento, além de poderoso meio de integração social”.

Desta forma, a inserção da música na educação da criança é de grande valor, pois consiste no processo de auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais afetivas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças saudáveis e felizes.

Portanto o professor de Educação Infantil possui em suas mãos uma grande responsabilidade perante estas crianças: a de educar possibilitando o desenvolvimento da criança.

Atualmente é muito comum presenciarmos em escolas de Educação Infantil, crianças sentadas o tempo todo dentro de salas de aula ouvindo o que o professor tem a dizer, sem sair para brincar, realizar atividades artísticas, entre outras que promovam o aprendizado de conhecimentos, como por exemplo, aqueles relativos à linguagem corporal e à linguagem musical da criança.

Outro fato que também é muito marcante nas escolas de Educação Infantil, principalmente nas particulares, é a pressão existente sobre a criança para que ela aprenda a ler e escrever o mais rápido possível, para que se destaque perante as outras da sala e posteriormente às demais de nossa sociedade.

Sendo assim, o professor sobrecarrega a criança com inúmeras atividades e lições de casa para que ela consiga aprender tudo o mais rápido possível. Assim o trabalho pedagógico acaba por priorizar apenas o conhecimento racional, não se preocupando com o conhecimento de outras linguagens que são fundamentais para a formação da criança como um ser humano, como por exemplo, a linguagem corporal e musical.

Conseqüentemente, elementos que seriam imprescindíveis de se trabalhar com as crianças de Educação Infantil, como a sensibilidade, a afetividade, a percepção, acabam sendo deixados de lado e a música, por sua vez, também é excluída desse contexto, pois os professores, de maneira geral que, acreditam que existem coisas muito mais importantes para serem trabalhadas com as crianças.

Atualmente, para a maioria dos professores de Educação Infantil, acreditam que trabalhar com a música seria tempo perdido, pois eles não vêem nenhum objetivo neste trabalho com a música na Educação Infantil, encarando-a como algo banal.

Neste caso, cabe levantar as contribuições que o trabalho com a música poderá trazer para o desenvolvimento das crianças, utilizando como referência a prática dos dois professores de música.

Como pudemos observar, através da prática dos dois professores especialistas de música analisados, o trabalho com a música na Educação Infantil viabiliza a oportunidade da criança conhecer os elementos musicais, assim como também poderá ampliar seu repertório musical, conhecer e manipular diferentes tipos de instrumentos musicais,

dependendo dos objetivos de trabalho do professor em questão, de sua concepção e sua prática no trabalho com a música na Educação Infantil.

Além disso, a música traz grandes contribuições para o desenvolvimento das crianças, dependendo do enfoque pedagógico do professor, tais como: a criação, a imaginação, a atenção, a socialização, a sensibilização, a reflexão, a percepção e a expressão corporal da criança.

Afinal a música, no contexto da Educação Infantil deve ser compreendida como forma de expressão sensível do ser humano, que se dá em um processo contínuo que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir, concebida como uma linguagem artística.

Entretanto, durante todo este movimento que está acontecendo em nossa sociedade, percebemos que não é somente a escola que não está se preocupando com questões intrínsecas à sensibilidade, à afetividade, à sociabilidade, à brincadeira, ao lazer, à música etc. Atualmente, os próprios pais exigem cada vez mais cedo de seus filhos algo além do que eles poderiam dar naquele momento.

As crianças pertencentes a uma classe social mais favorecida, desde cedo freqüentam inúmeros cursos, que poderíamos chamar de extra-curriculares, como inglês, balé, natação, judô, informática, entre outros, não sobrando tempo para fazer o que gostam e necessitam, como: brincar, ouvir música, ler ou ver um bom livro, pois têm horário para tudo, e normalmente elas não são consultadas sobre o que gostariam de fazer, são forçadas a fazer aquilo que os pais acreditam ser melhor para elas.

Já as crianças pertencentes a uma classe social menos favorecida, que não têm acesso, na maioria das vezes, a cursos extra-curriculares, desde cedo assumem

responsabilidades que antes cabiam ao adultos, como por exemplo cuidar da casa, cuidar dos irmãos mais novos etc.

Deste modo, podemos perceber que independente da classe social, as crianças estão sendo abandonadas afetivamente pelos seus próprios pais.

“Na infância pós-moderna, estar sozinho em casa é uma realidade diária. As crianças sabem agora o que normalmente apenas os adultos sabiam: as crianças pós-modernas são sexualmente esclarecidas e muitas vezes experientes; elas entendem e algumas delas já tiveram a experiência com drogas e álcool; e os novos estudos mostram que muitas vezes elas experimentam as mesmas pressões que as mães solteiras que trabalham, como esforçar-se para administrar o estresse da escola, o trabalho em casa e a dinâmica interpessoal da família”(STEINBERG e KINCHELOE, 2001, p.75)

Portanto, as crianças estão se tornando cada vez mais individualistas, agressivas sem a capacidade para perceber, sentir as pessoas que estão à sua volta, e na escola só querem saber de lutar, bater, brincar de matar, brincar com armas de brinquedos, ou transformar os brinquedos em armas. Por isso acredito que algo precisa mudar dentro da escola.

A escola de Educação Infantil precisa assumir o seu compromisso de promover o desenvolvimento da criança como um ser humano social, que tem um corpo inteiro para ser trabalhado, sem se limitar a questões que abrangem apenas o intelecto, o racional, afinal a criança, como já dissemos é muito mais que isso. Ela é um ser social presente e atuante em nossa sociedade.

“A criança não existe passivamente no mundo adulto que a rodeia, mas participa dele no nível, dentro de seus espaços e possibilidades. Nessa participação ela contrasta e conflita situações e valores, adquire hábitos, traduz posturas e idéias em fundamentos existenciais seus, criando sua leitura do mundo e das pessoas... Entender a criança, respeitá-la,

significa dialogar com ela, o que também pressupõe o reconhecimento da criança como outro, como sujeito: respeitar os seus impasses, a exploração verdadeira do real, o deslumbramento diante dos objetos, da natureza e das palavras, a espontaneidade de sentimentos e expressão de seus desejos e necessidades.”

(DAMAZIO,1988:44)

Toda esta realidade, que atualmente vivenciamos, faz com que a criança se afaste cada vez mais da música concebida como uma forma de expressão da sensibilidade, portanto a escola de Educação Infantil, sendo uma instituição com o objetivo de promover o desenvolvimento da criança como um ser humano social, deverá integrar o trabalho com a música no trabalho pedagógico da escola, a fim de promover o contato da criança com a música, a ampliação do repertório musical, o conhecimento das características de uma música e possivelmente despertar na criança vontade de fazer, de compor música.

Em se tratando de como este trabalho será realizado, vai depender da instituição de ensino de Educação Infantil, considerando sua estrutura e seu corpo docente.

Podemos observar que as escolas municipais de Educação Infantil do município de Campinas não possuem professores especialistas de música e são raras as escolas que possuem materiais, como instrumentos musicais, por exemplo, para se trabalhar a música com as crianças.

Desta forma, nestas instituições municipais, professores, coordenadores, orientadores pedagógicos e diretores, conscientes da importância do trabalho da música com as crianças, deveriam buscar meios para viabilizar esse trabalho nas salas de aula Educação Infantil, por exemplo: buscar livros que falem sobre o assunto; buscar profissionais que tenham conhecimento sobre o assunto para compartilhá-lo com o corpo docente e pedagógico da escola; adquirir instrumentos musicais para as crianças

manipularem e se acaso esta aquisição não for possível pela falta de recursos financeiros, procurar informações de como construir instrumentos com sucata etc.

Já as escolas particulares de Educação Infantil do município de Campinas, em sua maioria, possuem professores especialistas de música e por este motivo, muitos professores polivalentes acabam se ausentando da responsabilidade de se trabalhar a música com as crianças, pois se existe um professor especialista, logo se conclui que somente ele poderá trabalhar com a música.

Neste caso, os professores estariam fragmentando o conhecimento da criança em inúmeras partes, como se a criança tivesse inúmeras caixinhas, nas quais cada uma comportasse apenas um tipo de conhecimento. E, portanto a cada aula que fosse participar devesse abrir uma determinada caixinha. Exemplo: “Agora é aula de música”, então as crianças deverão abrir a sua caixinha de música para depositar os conhecimentos pertinentes a esta área.

Na realidade, percebemos que o conhecimento não é fragmentado, pois ao mesmo tempo em que se trabalha com a música, é possível trabalhar com questões inerentes ao conhecimento lógico-matemático, à língua portuguesa, ao conhecimento da natureza etc.

Sendo assim, o conhecimento não é algo fragmentado em inúmeras partes, portanto, não deve ser trabalhado como se assim fosse. Portanto, os professores polivalentes devem se juntar aos professores especialistas para juntos desenvolverem um trabalho coletivo, abordando o conhecimento como um todo.

Concluindo, seja qual for a realidade, as condições pedagógicas e materiais de cada escola, é possível viabilizarmos o trabalho com a música na Educação Infantil, a partir do momento que se tenha a consciência da importância deste trabalho e se exista a preocupação com a formação e o desenvolvimento de nossas crianças, afinal o objetivo do

trabalho com a música não é o de formar musicistas e sim proporcionar às crianças o contato com a linguagem musical, fazendo um mergulho nesse universo de conhecimento que faz parte da cultura humana, a fim de que elas possam se tornar pessoas menos insensíveis, mais sensíveis, menos competitivas, mais cooperativas, mais conscientes, mais críticas, mais humanas. Enfim, pessoas capazes de perceber e valorizar a arte em nosso mundo.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.** Cadernos de Pesquisa São Paulo (77): 53-62, maio de 1991.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 5692. Brasília, 1971.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9394. Brasília, 1996.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação do Ensino Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, 1998.

BRITO, T. A. **Música na Educação Infantil.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

CRISPILHO, Jaqueline Domenicone. **Estudo sobre o significado musical na escola.** 1993. Dissertação de Mestrado (Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Márcia Regina Ferreira de Brito.

DAMAZIO, R. L. **O que é criança.** São Paulo Brasiliense, 1988.

FRIEDENREICH, C. A. **A educação musical na escola Waldorf.** São Paulo: Antroposófica, 1998.

FONTANA, Roseli Cação e CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos de psicopedagogia musical.** São Paulo: Summus, 1988.

HOWARD, Walter. **A música e a criança.** São Paulo: Summus, 1984.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música.** São Paulo: Scipione, 1990.

LOPES, Heloísa e LIMA, Arlete Oliveira. **A educação artística da criança.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental.** Campinas: Papyrus, 2003.

MAHLE, Maria Aparecida. **Orientação didática - iniciação musical.** São Paulo: Irmão Vitale, [s.d].

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. Os profissionais da Educação Infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (Org.). **Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas: Autores Associados, 2000

OLIVEIRA, Débora Alves. **Musicalização na Educação Infantil.** 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento.** São Paulo: Editora Scipione, 2001.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização** São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

SALLES, Juliana da Mota e PRADO, Ricardo. Música maestro. **Revista Nova Escola.** São Paulo, Maio de 1999, Pág. 16 - 20.

SCHAFFER, Murray. **O ouvido Pensante.** São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

SILVA, Leda Maria Giuffrida. A expressão musical para as crianças da pré-escola. **Caderno Idéias.** Campinas, vol.10 (24-29), 1992.

SNYDERS, George. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Alunos felizes:** reflexões a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

STEINBERG, Shirley. e KINCHELOE, J. L. **Cultura Infantil:** a construção cooperativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SUMIXA, Lilia Asuca. **Musicalização na Educação Escolar.** 1992. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Editora da USP, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

